1938

80

2018

Os anos da fundação

(1938 - 1948)

ORGANIZAÇÃO

ESPINHO
CÂMARA MUNICIPAL

CONCEPÇÃO

MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO “Os anos da fundação (1938 -1948)”

ORGANIZAÇÃO
Associação Académica de Espinho / Câmara Municipal de Espinho

CONCEPÇÃO
Museu Municipal de Espinho

ESPÓLIO
Associação Académica de Espinho

INVESTIGAÇÃO, TEXTOS E COORDENAÇÃO
Armando Bouçon

DESIGN E MAQUETIZAÇÃO
Tiago Castro

MONTAGEM
Abel Casal Ribeiro, Adriano Ferreira, Mariana Gonçalves, Tiago Castro

COLABORAÇÃO
José Alberto Pinto Correia, José António Lacerda, Fernando Meneses, Álvaro Rocha, Alfredo Azevedo, Abel Santiago (filho), Família de António Gaio, Virgínio Pereira, Carlos Lêdo da Fonseca

IMPRESSÃO DE PAINÉIS
MULTITEMA

DATA
3 de Fevereiro a 3 de Março de 2018

CATÁLOGO “Os anos da fundação (1938 -1948)”

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO
Tiago Castro

IMPRESSÃO
Greca, Artes Gráficas, Lda.

AA ESPINHO

Os anos da fundação

(1938 - 1948)

Caros academistas e amigos

Sempre foi nossa intenção lançar a história da Associação Académica de Espinho quando fizéssemos 80 anos de idade. É de facto uma data relevante e este lançamento dá a esta festividade uma dignidade que o nosso clube bem merece.

Ao longo destes quase quatro anos de mandato fizemos o nosso trabalho de casa, primeiro dando início à recuperação do espólio desportivo, constituído maioritariamente por taças e troféus e posteriormente com a recolha de diverso material fotográfico espalhado por diversas famílias academistas. Todo este trabalho foi desenvolvido em estreita colaboração com a Câmara Municipal de Espinho / Divisão de Cultura e Museologia, a quem agradecemos toda a sua disponibilidade e dedicação, não podendo de forma alguma deixar de salientar a sua elevada qualidade e profissionalismo.

Cedo percebemos que a história da primeira década da Associação Académica de Espinho era de tal forma rica, que merecia uma dedicação exclusiva e uma abordagem isolada.

A fundação da AAE surge num contexto propício, dado o ambiente que se vivia à época, descrito por Carlos Morais Gaia, em "A Génese de Espinho":

«São os loucos anos vinte, obcecado com a pressa de viver e novas formas de vida cultural, desde o cinema de cabaret, passando pela rádio e pelas competições desportivas. É, também, a era do jazz-band. A vida em Espinho refletiu os novos costumes, sentindo-se a influência das correntes que, importadas da Europa, eram adoptadas pelas classes médias. As sessões de convívio e os bailes mudaram de figurino, Fausto Neves viu-se obrigado a executar outros géneros musicais e os jovens aderiram, entusiasticamente ao "Fox-trote."»

É no Colégio S. Luís, e já com a preocupação de dar formação cívica e iniciação desportiva aos seus alunos, que um grupo de estudantes têm a ousadia de criar a Associação Académica de Espinho, a segunda em Portugal, sendo a primeira a Associação Académica de Coimbra.

Desta forma surge a exposição documental "Os anos da fundação (1938-1948)", que será seguida do lançamento do primeiro volume da história da AAE, ainda este ano.

Esta exposição é uma homenagem bem merecida ao fundadores do nosso clube e a todos quanto ajudaram nos primeiros anos da nossa vida associativa. Sem eles dificilmente estaríamos hoje a comemorar os 80 anos de vida.

O nosso agradecimento a todos os que connosco colaboraram para que esta exposição fosse possível.

Saudações académicas

José António Lacerda

(Presidente da Direção)

Os anos da fundação (1938-1948)

A exposição "Os anos da fundação (1938-1948) " foi concebida para as comemorações do 80.º aniversário da Associação Académica de Espinho. Trata-se de uma exposição documental referente aos primeiros dez anos de actividade do clube, um período de tempo que balizamos como o necessário para a consolidação e a afirmação da Académica de Espinho dentro do panorama cultural e desportivo concelhio, regional e nacional.

Os homens da "fundação" souberam unir esforços e preparar as bases de uma Associação que, por ser de estudantes, logo se tornou diferente. A forma de pensar e de agir de um conjunto de jovens em formação pessoal e académica, acabados de sair do Colégio de S. Luiz e alguns dos quais a darem os primeiros passos nas universidades de Coimbra e do Porto, foi proeminente para a tomada de opção por uma Associação social, cultural e desportiva elitista, termo que muito dignifica o clube e que serviu de base à preparação dos primeiros estatutos, partindo sempre da singularidade dos conceitos de sócio efectivo e auxiliar.

Uma Associação Académica quer-se culta, critica e moderna, termos que aparecem reflectidos nas três linhas de pensamento e acção que serviram de esteio à sua fundação e que se traduziram numa série de iniciativas que foram acontecendo ao longo dos primeiros dez anos de vida. Podemos destacar as várias secções desportivas que se foram afirmando e que hoje são uma realidade com uma história rica e cheia de sucessos, as actividades sociais e recreativas como a criação do Orfeão Académico e toda uma actividade cultural que passou pela organização de várias conferências de carácter científico, pela constituição de uma biblioteca e de um grupo cénico, e pela edição de um boletim/jornal que lhe definiu o "Rumo" e que ensinou os seus associados e restantes leitores a pensarem e a reflectirem o mundo a partir da leitura de temas e áreas tão díspares mas de uma enorme riqueza e vitalidade, manifestando sempre o "desejo de servir, com desinteresse, elevação, liberdade e abnegação a juventude de Espinho."

Com esta exposição pretendemos homenagear todos aqueles, que através do seu trabalho e dedicação tiveram a ousadia de fundar a Associação Académica de Espinho. Em oitenta anos de vida muita coisa se foi alterando no clube mas estou certo que a sageza que presidiu à sua fundação por parte do grupo de jovens estudantes se mantem incólume.

Armando Bouçon

A GÉNESE

Fundada em 22 de Janeiro de 1938 por um grupo de jovens espinhenses, a génese da fundação da Associação Académica de Espinho assenta em duas realidades e instituições à época já consolidadas: A Associação Académica de Coimbra e o Colégio de S. Luiz. A primeira, que nasceu em 3 de Novembro de 1887, "deu-lhe" o emblema, o nome de Associação Académica, as cores do equipamento, e o elitismo característico de um clube de estudantes. A segunda, que começou a funcionar a 16 de Outubro de 1917, funcionou como um espaço de aprendizagem e laboratório, quer do ponto de vista educacional e de ensino, quer do ponto de vista desportivo, social e cultural, para muitos dos jovens estudantes que estiveram na criação da Académica de Espinho.

O COLÉGIO DE S. LUIZ

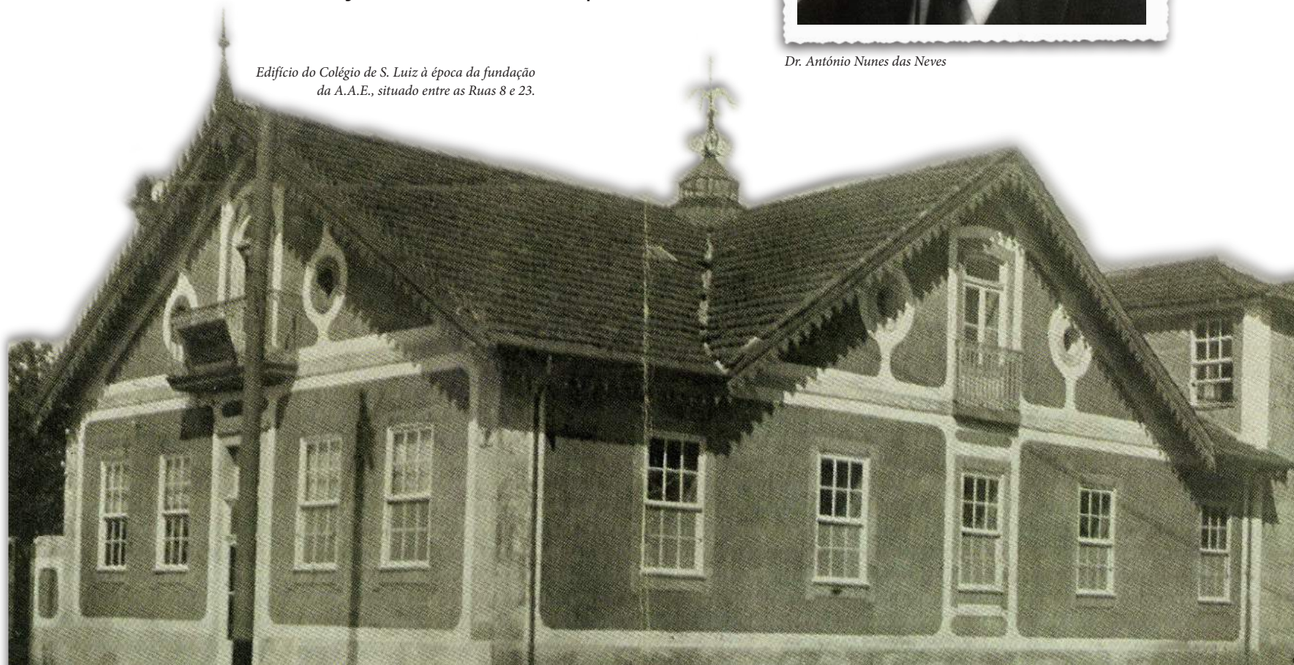
O Colégio de S. Luiz foi um elemento diferenciador na história do ensino em Espinho. Proporcionou a centenas de rapazes e raparigas um nível superior de educação, foi um excelente meio de acesso à cultura e contribuiu activamente para a formação profissional e intelectual de várias gerações de espinhenses. No desporto, foi o berço da prática do voleibol em Espinho, constituindo-se como uma autêntica escola de formação da modalidade, da qual os dois maiores clubes da terra, Sporting Clube de Espinho e Associação Académica de Espinho, foram os principais beneficiados.

Dr. Joaquim Pinto Correia

Duas figuras, professores e directores desta instituição de ensino, revelaram-se grandes impulsionadores da prática desportiva: o Dr. Joaquim Pinto Correia e o Dr. António Nunes das Neves. O primeiro, licenciado em ciências farmacêuticas, dedicou toda a sua vida ao Colégio de S. Luiz, como notável professor e pedagogo. O segundo, licenciado em ciências matemáticas, introduziu a prática do voleibol, foi um entusiasta das actividades desportivas e culturais do Colégio, e desempenhou vários cargos directivos na Associação Académica de Espinho.

Dr. António Nunes das Neves

Edifício do Colégio de S. Luiz à época da fundação da A.A.E., situado entre as Ruas 8 e 23.



A FUNDAÇÃO

De acordo com as palavras do Dr. Virgínio Pereira, actual sócio n.º 1 da Associação Académica de Espinho e um dos seus fundadores, tudo começou com o convívio proporcionado pelos bailes da juventude e pelo Ping-Pong, que reunia um grupo de jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, residentes em Espinho e a estudarem no Porto. No regresso das aulas juntavam-se para jogarem Ping-Pong numa mesa, propriedade dos gémeos Lacerda, que existia num armazém que ficava situado acima da actual Piscina Solário Atlântico propriedade de João Barbosa. Falamos de Virgínio Pereira, Alberto Vita, Manuel Baptista, Manuel Mourão Pinto Leite, José Júlio de Matos Corte-Real, a que se juntou Milton Pinho. Depois apareceram outros jovens, entre os quais Mário Duarte dos Santos Ramos, Fernando Guilherme Neves da Silva e José Alberto Rodrigues de Sá Azeredo, que avançaram com a ideia de se constituir uma associação desportiva de estudantes.

A FUNDAÇÃO

Assim nascia a Associação Académica de Espinho, fundada no dia 22 de Janeiro de 1938 em reunião de Assembleia Geral Ordinária, que se realizou na sua primeira sede situada na rua 17 (antiga Casa das Beiras). Estiveram presentes vinte e seis dos seus associados, os quais elegeram os primeiros corpos gerentes. Manuel Soares Mota foi eleito presidente da Assembleia Geral e Joaquim de Sousa Bastos presidente da Direcção. Ficou aprovado que só poderiam ser sócios da nova Associação "todos os estudantes que, gozando de boa reputação, tivessem idade superior a 14 anos." A posse de habilitações literárias e académicas era condição fundamental para a admissão a sócio efectivo e em 1939 os estatutos consideravam sócios efectivos "os estudantes com mais de dezasseis anos ou ex-estudantes cujas habilitações fossem superiores ou equivalentes ao Curso Geral dos Liceus e que gozassem de boa reputação social". Os sócios não estudantes, designados de auxiliares, tinham que ser indivíduos idóneos, não podendo integrar os corpos gerentes. Com o decorrer dos anos a categoria de sócio efectivo deixou de estar circunscrita apenas aos estudantes ou licenciados e na actualidade só existe uma e única categoria de sócios. Em Maio de 1938 a sede foi transferida para a rua 19, edifício do antigo Grémio de Espinho. Coube a Sérgio Gonçalves e a Milton Pinho a concepção do emblema do clube. O hino "Ser Académico", com música do Maestro Fausto Neves, foi apresentado ao público no dia 14 de Janeiro de 1940.

Segunda Sede da A.A.E., situada na Rua 19, no edifício do Grémio do Comércio, no quarteirão entre as Ruas 4 e 6.

OS FUNDADORES

A lista dos sócios fundadores que foi proposta e aprovada em Assembleia Geral Ordinária do dia 2 de Outubro de 1943 está longe de reunir consenso entre os associados da Associação Académica de Espinho. A primeira acta, designada acta fundadora, datada de 22 de Janeiro de 1938, não faz qualquer referência aos fundadores, mas somente à presença na reunião de "vinte e seis dos seus associados."

Na Assembleia Geral de 15 de Outubro de 1942, a Direcção vigente apresentou uma lista com os sócios fundadores, que mereceu duras críticas de vários associados e que levou o sócio Amadeu Morais a sugerir a eleição de uma comissão para averiguar quais, de facto, foram os sócios fundadores, "comissão que deveria ser constituída por sócios dos mais antigos." Foi eleita uma primeira Comissão constituída por Virgínio Pereira, Amparo Santiago, Higino Pires, Amadeu Morais, Henrique Sousa e Aníbal Lacerda, que, e entre a primeira acta não encontrada, consulta do livro de registo de sócios e livro de cotas, não chegou a elaborar a lista. Na reunião de 5 de Janeiro de 1942 e por proposta de Virgínio Pereira foi eleita uma "comissão nova constituída por sócios que se saibam de antemão fundadores mas no uso de plenos poderes para a elaboração de uma nova lista." Essa tarefa foi atribuída a Aníbal Lacerda, Virgílio Lacerda, Félix Pereira de Sá, Mário Ramos e Vítor Hugo Martins.

Por ter desaparecido a primeira acta da Assembleia Geral, pela ausência de qualquer referência aos sócios fundadores no Relatório da primeira gerência, a nova Comissão "viu-se obrigada por esse facto a fazer fé no livro de registo de sócios e na primeira acta oficial da Associação Académica de Espinho, (...) amparando-se algumas vezes – como não podia deixar de ser – [da] memória." Da lista apresentada e aprovada constava duas categorias de sócios: os "Fundadores" e os "Sócios Fundadores". A explicação dada pela Comissão para essa distinção foi a seguinte: "os primeiros, aqueles que tiveram a ideia e angariaram os segundos para a sua realização; os outros, aqueles, sem os quais os primeiros nada teriam conseguido." Assim, todos os doze elementos que constam dos primeiros corpos sociais inscritos na primeira acta da Assembleia Geral integraram a lista dos fundadores à qual foram acrescentados mais treze elementos perfazendo um total de vinte e cinco fundadores. No Relatório e Contas da Direcção e Conselho Fiscal das gerências de 1945, 1946 e 1947, aprovados em Assembleia Geral, a lista de sócios fundadores aparece com mais dois nomes: Joaquim de Castro Lacerda e Milton da Cunha Pinho. Convém mencionar que só existe uma acta da Assembleia Geral do ano de 1945, que não se refere a este assunto, e que não dispomos de qualquer acta do ano de 1946.

FUNDADORES

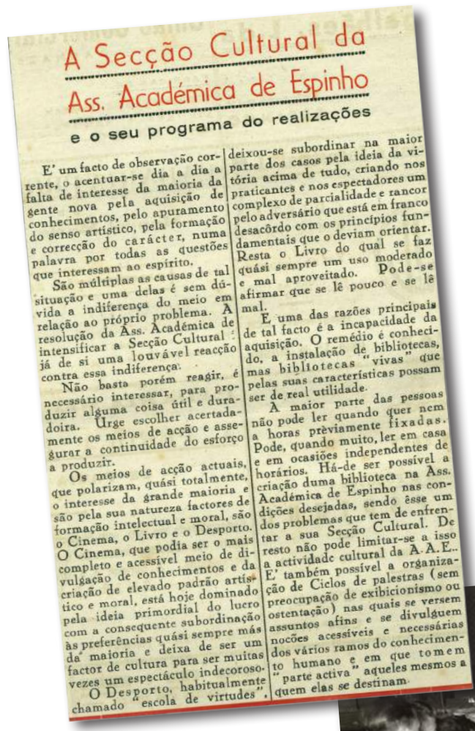
Mário Duarte dos Santos Ramos
Fernando Guilherme Neves da Silva
José Alberto Rodrigues de Sá Azeredo

SÓCIOS FUNDADORES

Alberto Jorge Pinheiro Brandão Barbosa
Alberto Brandão de Rezende
Alberto Lídio Vita de Oliveira
Alfredo Virgínio Barros Pereira
Amadeu Alves Morais
Amparo Santiago da Mota Gomes
Aníbal de Castro Lacerda
Bernardo Pinto Taveira
Ernesto Fernandes de Sousa
Félix Pereira de Sá
Fernando Lima Silva
Higino Augusto de Assunção Pires
Joaquim de Sousa Bastos
José Júlio de Matos Corte-Real
Lino Duarte da Luz
Manuel Alberto de Sousa Ferreira Batista
Manuel António Lopo Marques
Manuel Ramiro Teixeira Veríssimo
Manuel Soares Mota
Napoleão de Amorim
Victor Hugo Pereira Martins
Virgílio de Castro Lacerda
Joaquim de Castro Lacerda
Milton da Cunha Pinho

LINHAS DE ACÇÃO

Os primeiros estatutos da Associação Académica de Espinho determinavam que o futuro da instituição passaria pelo desenvolvimento de três linhas programáticas de trabalho. A primeira estava virada para a acção social e recreativa dos associados (constituição do Orfeão, realização de palestras, festas e bailes); a segunda para a acção desportiva, com a criação das diversas secções; a terceira para a acção cultural e artística, na qual o "Boletim" e posteriormente o "Rumo" foram exemplos de sucesso. Com o decorrer dos anos a acção desportiva foi ganhando cada vez mais força e hoje em dia a Académica de Espinho é uma associação desportiva, considerada de Utilidade Pública nos termos do Decreto de Lei n.º 460/77 de 07 de Novembro, por despacho do Primeiro-ministro de 15 de Setembro de 1978, publicado no Diário da República n.º 222, II Série de 26 de Setembro de 1978.



A Secção Cultural da
Ass. Académica de Espinho
e o seu programa de realizações

E' um facto de observação corrente, o acentuar-se dia a dia a falta de interesse da maioria da gente nova pela aquisição de conhecimentos, pelo apuramento do senso artístico, pela formação e correcção do carácter, numa palavra por todas as questões que interessam ao espírito.

São múltiplas as causas de tal situação e uma delas é sem dúvida a indiferença do meio em relação ao próprio problema. A resolução da Ass. Académica de intensificar a Secção Cultural já de si uma louvável reacção contra essa indiferença.

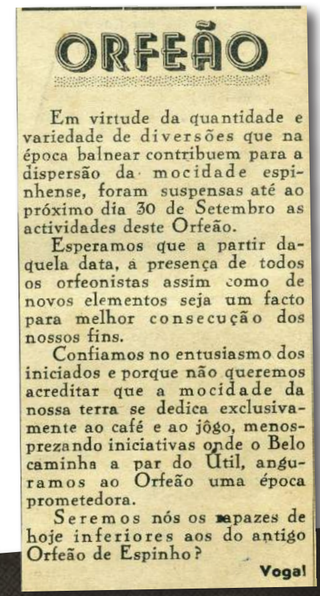
Não basta porém reagir, é necessário interessar, para produzir alguma coisa útil e duradoira. Urge escolher acertadamente os meios de acção e assegurar a continuidade do esforço a produzir.

Os meios de acção actuais, que polarizam, quási totalmente, o interesse da grande maioria e são pela sua natureza factores de formação intelectual e moral, são o Cinema, o Livro e o Desporto. O Cinema, que podia ser o mais completo e acessível meio de divulgação de conhecimentos e da criação de elevado padrão artístico e moral, está hoje dominado pela ideia primordial do lucro com a consequente subordinação às preferências quási sempre más da maioria e deixa de ser um factor de cultura para ser muitas vezes um espectáculo indecoroso.

O Desporto, habitualmente chamado "escola de virtudes", deixou-se subordinar na maior parte dos casos pela ideia da vitória acima de tudo, criando nos praticantes e nos espectadores um complexo de parcialidade e rancor pelo adversário que está em franco desacôrdo com os princípios fundamentais que o deviam orientar. Resta o Livro do qual se faz quási sempre um uso moderado e mal aproveitado. Pode-se afirmar que se lê pouco e se lê mal.

E uma das razões principais de tal facto é a incapacidade da aquisição. O remédio é conhecido, a instalação de bibliotecas, mas bibliotecas "vivas" que pelas suas características possam ser de real utilidade.

A maior parte das pessoas não pode ler quando quer nem a horas prèviamente fixadas. Pode, quando muito, ler em casa e em ocasiões independentes de horários. Há-de ser possível a criação duma biblioteca na Ass. Académica de Espinho nas condições desejadas, sendo êsse um dos problemas que tem de enfrentar a sua Secção Cultural. De resto não pode limitar-se a isso a actividade cultural da A.A.E.. E' também possível a organização de Ciclos de palestras (sem preocupação de exibicionismo ou ostentação) nas quais se versem assuntos afins e se divulguem nocões acessíveis e necessárias dos vários ramos do conhecimento humano e em que tomem parte activa aqueles mesmos a quem elas se destinam.



ORFEÃO

Em virtude da quantidade e variedade de diversões que na época balnear contribuem para a dispersão da mocidade espinhense, foram suspensas até ao próximo dia 30 de Setembro as actividades deste Orfeão.

Esperamos que a partir daquela data, a presença de todos os orfeonistas assim como de novos elementos seja um facto para melhor consecução dos nossos fins.

Confiamos no entusiasmo dos iniciados e porque não queremos acreditar que a mocidade da nossa terra se dedica exclusivamente ao café e ao jôgo, menosprezando iniciativas onde o Belo caminha a par do Útil, anguramos ao Orfeão uma época prometedora.

Seremos nós os rapazes de hoje inferiores aos do antigo Orfeão de Espinho?

Vogal

Jogo de Basquetebol entre as equipas da A.A.E. e do Belenenses, Ringue de Patinagem de Espinho, 1940.

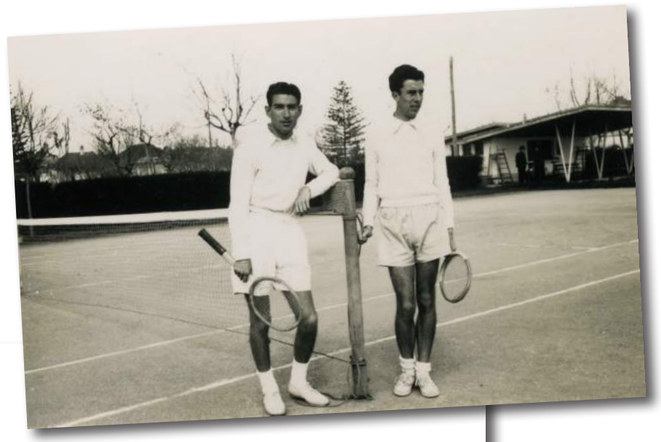
O RINGUE DE PATINAGEM DE ESPINHO

Inaugurado em 30 de Julho de 1938, no quarteirão situado entre as ruas 2, 4, 17 e 19, o "Ringue de Patinagem" foi uma obra à época emblemática, permitindo à juventude espinhense a prática de novos desportos (patinagem, hóquei em patins e voleibol) e, também, a realização de espectáculos e actividades de lazer. A iniciativa da sua construção partiu do comerciante Elias Tavares e a primeira concessão pertenceu à empresa Tavares & Fonseca. A Associação Académica de Espinho utilizou este espaço até 1969, ano da inauguração do Pavilhão Arquitecto Jerónimo Reis.

AS PRIMEIRAS SECÇÕES DESPORTIVAS

Em Dezembro de 1938, e com direcção desportiva de Abel de Oliveira, estavam constituídas as secções desportivas de futebol, ténis de mesa, hóquei em patins, atletismo, ténis e andebol, dirigidas respectivamente por Lino Duarte da Luz, Eduardo Borges, Amparo Santiago, José André de Lima, Jerónimo Reis e Orlando Pinto Pais. Em Abril de 1939 foram abertas inscrições para a prática de voleibol, cuja secção era dirigida por Higino Pires e, em Dezembro desse ano, já estavam em funcionamento as secções de basquetebol e de tiro reduzido, chefiadas por Manuel Mota e Nunes das Neves. Em Fevereiro de 1941 surgiu a secção de aviominiatura orientada por Marçal Duarte e no mês de Agosto desse ano foi criada a secção de hóquei em campo.

Após a realização de vários jogos amigáveis, a modalidade de futebol, com potencial para crescer, ficou com carácter recreativo e transitório devido à falta de um campo condigno e de jogos de competição. Para a prática dos vários desportos o clube utilizava o Ringue de Patinagem, e três campos, um em Anta, que pertencia ao Império de Anta, outro na Av. 24, cedido por Manuel Constante Pereira e um terceiro campo, para a prática do voleibol, situado num terreno que existia entre as ruas 15 e 18. O Campo da Avenida, cedido pelo Sporting Clube de Espinho, também chegou a ser utilizado.



PING-PONG

A primeira modalidade desportiva a ser praticada na Associação Académica de Espinho foi o Ténis de Mesa ou como se designava na época o "Ping-Pong". De acordo com as palavras de Virgínio Pereira a Académica de Espinho nasceu "à volta de uma mesa de Ping-Pong propriedade dos irmãos Lacerda", que serviu de palco para a formação de uma equipa que "haveria de conquistar o primeiro título de campeão para a Associação Académica." Aníbal Lacerda, em crónica de 30 de Abril de 1949 no boletim "Rumo", refere que foi o "Ping-Pong" a primeira secção a ser criada e que data desde o aparecimento do Estrela Académica de Espinho, posteriormente Liga Académica de Espinho e depois Associação Académica de Espinho.

Depois do título de campeões do Porto (Promoção), com uma equipa consituída por Manuel Batista, António José Miranda Valente, Virgínio Pereira e Jerónimo Reis, a época desportiva de 1941-42 ficaria marcada com a subida da AAE á 2.ª Divisão do Campeonato da Associação do Porto de Ténis de Mesa. Aos quatro atletas juntaram-se Sílvio Silva, Alberto Vita, Franklim Reis, Dário Capela, Abel Santiago, Fernando Campos e Marcelino Duarte. A falta de inscrição da equipa na 2.ª Divisão por falta de espaço para a prática da modalidade, acabaria por remeter o clube de novo à Divisão inferior da Associação do Porto.

Nos habituais torneios inter-sócios realizados por altura da Páscoa, que funcionavam como um meio de captação de novos praticantes da modalidade surgiram outros elementos como António Geraldes, Henrique Sousa, Francisco Resende, Fernando Neto, Alberto Barbosa, Gaioso, Vítor e Mário Valente.

Na época de 1946/47 o clube alcançava pela segunda vez o título de campeão do Porto da 3.ª Divisão, conquistando o direito de jogar na 2.ª Divisão. Esta proeza só foi possível graças ao esforço e à dedicação dos atletas Alberto Vita, Virgínio Pereira, Aníbal Lacerda, Carlos Gaioso, Fernando Caldeira, Fernando Pereira, Jerónimo Reis, Mário Valente e Sílvio Silva. Em Maio de 1948 os estudantes subiam à 1.ª Divisão, conseguida em dois jogos contra o Heroísmo e tendo sido utilizados os jogadores Carlos Gaioso, Sílvio Silva e Fernando Caldeira.

Falando do Ténis

Até nós chega a notícia de que a Comissão de Festas do Cincoentenário do Concelho se propõe construir um pavilhão, para bar e balnearios, junto do Parque João de Deus.

A boa nova merece especial referência nestas colunas, em obediência ao nosso lema de crítica construtiva. Com efeito, essa projectada obra constituirá um melhoramento indiscutível, não só para os tenistas, que dos córtes aproveitam, como também para o aformoseamento do Parque, que o mesmo é dizer-se da vila de Espinho.

O ténis — ao contrário do que já lemos em letra de fôrma — não se restringe aos poucos ou muitos desportistas que o praticam Ao invez, é marca acentuada duma zona de turismo.

Quando, do velho córte existente nos fundos do Teatro Aliança, se passou para os da então projectada rua 24, a mesma injusta crítica se fez ouvir. E no entanto, essa tentativa não foi inteiramente infrutífera: Quantos veraneantes e «indígenas», senhoras e rapazes, não viveram horas bem vividas nesse recanto, aliás deslocado, da terra espinhense!

Por essa altura, de abalada por França, deparamos em Vichy com 32 córtes publicos; sem contar, portanto, com algumas dezenas que decoravam as vilas e palacetes dessa estância termal. Aí se aguardava vez, numa e noutra margem do Allier, durante horas, para se utilisar qualquer dos campos.

O facto surpreendeu-nos, mas levámo-lo à conta de «estrangeirice».

Só mais tarde, na Figueira da Foz, o vimos à luz da realidade nacional.

Alcandorados na riba do Mondego, em terreno angustiado e de difícil acesso, os córtes do Tennis Club da Figueira da Foz representavam atractivo evidente na vida quotidiana da praia, não obstante a sua exiguidade.

Já de volta ao burgo, repetidas vezes ouvimos a veraneantes referências saudosistas àquelas tardes de alegre convivio no ténis da Figueira — e que Espinho não podia oferecer-lhes.

Mais recentemente, a pisarem os campos do Parque João de Deus, desportistas «estrangeiros», descobrindo uma pontinha de inveja, enalteciam o pavimento, a localisação e a extensão dos córtes actuais, e verberavam a falta de balneários, que não permitiria a efectivação de torneios regulares.

Pensamos com mágoa: «Dá Deus nozes a quem não tem dentes...»

Depois ainda, pena autorisada veio sugerir neste jornal a realisação de Campeonato em Espinho.

A ideia provinha de tenista competente, que aqui se iniciou na modalidade; mas era inviável, pois não existiam balneários nem vestiários.

Agravou-se o nosso pensar. E refletimos: O ténis tem sido diminuido e até caluniado. Todavia, nem porque lhe falte o carácter espectacular (tão grato às multidões), nem porque, injustamente, o acusem de «peralvilho» esse desporto deixa de ser uma escola de resistência, de auto — domínio, de esfôrço individual — tanto mais saudável quanto exclue, por natureza, a violência e a deslealdade, vícios estes que, infelizmente, tanto atacam outras modalidades.

E por outro lado, nunca será demais evidenciar que, sob o ponto de vista turístico, os córtes do Parque João de Deus serão, por certo, um dos logradouros mais aprazíveis de quantos habitam ou frequentem Espinho

Por tudo isto, criticando e colaborando, «Rumo» felicita aqueles que levaram por diante a construção do Pavilhão, em feliz projecto dos arquitectos Jerónimo Reis e Eduardo Lacerda, que assim fntegram uma lacuna da nossa terra.

Constante Pereira

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

PING-PONG

E' sem sombra de dúvida, a modalidade desportiva que mais tem laureado a Associação Académica Espinho. Sem pretendermos fazer história, lembramos que foi esta a primeira Secção a ser creada, e data desde o aparecimento do Estrela Académica de Espinho, mais tarde Liga Académica de Espinho, que na fase final daria a actual Associação Académica de Espinho. Está esta modalidade ligada à primeira Sede do Clube, então na rua 17 (antiga Casa das Beiras), com os proventos da qual se pagava a renda da casa (30$00 mensais). E, desde aquele momento, esta Secção mereceu sempre dos seus dirigentes uma especial atenção, acabando por se filiar na Associação Portuense de Ping-Pong, onde não mais deixou de conquistar e manter posição de relevo nos campeonatos oficiais, tendo passado pela Promoção e 2.ª. Divisão e actualmente ingressado na 1.ª. Mas não foi sòmente esta facêta de vencedores que mais nos conquistou, antes pelo contrário, mais nos encantou apreciar a forma sublime e elevada com que os nossos jogadores, sempre com o mesmo sorriso nos lábios, nunca esquecendo os cânones das máximas desportivas de Ricardo Cruz, quer na posição de vencidos quer na de vencedores, souberam angariar em todos os adversários e nos dirigentes de outros clubes, outros tantos amigos.

E' assim que sempre se impõem os jóvens desportistas da Associação Académica de Espinho. Mas se até aqui, os pingponguistas sempre dentro do mais puro amadorismo, têm sabido manter com prestígio o bom nome do Clube, vencendo dificuldades de todas as espécies, obrigando-se a custear as deslocações ao Porto regressando às 2 horas da manhã, sem possibilidades de jogarem em casa, como em algumas épocas se verificou, hoje serão duplamente responsáveis, primeiro pela continuação da obra já realizada e segundo porque podem contar para o próximo campeonato com um lote de bons jogadores que se quizerem, e querem por certo, treinar com afinco, trarão novos louros à Associação Académica de Espinho. A Associação Académica, espera êsses louros. E nós acabamos com um convicto ASSIM SEJA! ASSIM O ESPERAMOS TAMBE'M!

Aníbal Lacerda

HOQUEI EM PATINS

João Gonçalves vai fixar residência em Évora, retirando de Espinho no fim de Abril. Fica assim o grupo da Académica desfalcado de um dos seus mais valiosos elementos, debilitando ainda mais o já frágil conjunto que tão belas jornadas nos poderia ter oferecido se não fora a incompreensão e individualismo de alguns.

Desejamos a João Gonçalves que, no caso de continuar a prática da modalidade, deixe os nervos em casa pois tem fortes possibilidades de ser um magnífico hoquista.

*

No «Palais des Sports» de Montreux disputou-se mais uma «Taça da Europa». Apesar dos obstáculos representados pelas arbitragens, a selecção Lisboa-Porto, transpondo-os com maior ou menor dificuldade, obteve o 1.º lugar, retirando invicta do país dos «relógios» e dos «queijos». O ambiente, se bem que não tal qual o «pintou» Quádrio Raposo, foi pouco amigável, mas os nossos hoquistas não deixaram o seu crédito por mãos alheias embora lhes faltasse a perícia e expèrtência dos irmãos Serpas.

Desta tribuna lhes enviamos as nossas felicitações que se estendem a José Prazeres e aos dirigentes federativos.

ATLETISMO

No passado dia 24 deslocaram-se a Serzedo sete elementos do nosso clube que participaram em provas atléticas promovidas pelo dinâmico clube daquela freguesia. Do cotejo saimos beneficiados o que é muito mais de salientar se atendermos ao total destreino dos nossos representantes. Pena é que em Espinho não se trabalhe em profundidade pois estamos certos de que haveria possibilidade de constituir um grande número de bons atletas.

Disputaram-se quatro provas: 80 metros planos, 700 metros, lançamento de peso e salto em altura.

Da 1.ª eliminatória dos 80 metros saiu vencedor Fernando Caldeira, com 9,6/10 s, seguido de Alberto Mário. Alvaro Gomes ganhou a 2.ª eliminatória. Na final foram novamente Fernando Caldeira e Alberto Mário cabendo a Alvaro a 5.ª posição.

No lançamento de peso João Mário obteve a melhor marca 10,4 m., ficando entre ele e Carlos Lopes dois serzedenses.

No salto em altura fomos nitidamente batidos, ficando sem representante logo que a fasquia atingiu 1,35 m. Nos 700 metros só participaram dois locais e Carlos Lopes que ficou em 3.º lugar.

FUTEBO

Esfriado a calor das paixõe
mente e com todo o cuidado, vam
hoje um caso que temos deixado
damente no olvido. Trata-se da
mantidas entre o Beira Mar de A
restantes clubes distritais que par
respectivo campeonato regional d

Historiemos: — Logo que hou
cimento de que ao campeão de A
concedida a entrada no Nacional
são, quase todos os clubes procura
çar as suas equipas. Na «pesca»
mente efectuada salientou-se o
Aveiro. A sua equipa ficou total
modelada graças às importações feit
tações aliás de certo modo infelizes
to, se haviam «comprado» bons fu
nenhum deles poderia afirmar-se
desportista correcto. O conjunto
afinado mercê do quase completo
dimento entre os jogadores recrut
e acolá. Os resultados não satis
público aveirense que se tinha
monetàriamente para a construção
bom grupo e vá de iniciar uma fe
oposição a todos os rivais que se le
ao seu campo o que equivaleu a tra
numa terra horripilante para os jo
falanges de apoio.

De então até cá a ida à capita
trito representa para os clubes a «es
garganta» do Campeonato e, lamentà
a doença alastrou-se para os jogos de
o que provocou a transformação do
nato deste ano numa espécie de to
Rugby. Ainda est: ano numa das
ções da equipa do Sporting local de
goria, tão «amistoso» foi o tratament
e fora do campo que o director que
panhava se viu forçado a ordenar
rapazes o abandono do campo ante
de finalizar a 1.ª parte do encontro

Não há clube da I Divisão Dist
não tenha passado os seus 3 «maus
em Aveiro, sendo todos concordos
mar que, a menos que se facilite a
-Mar uma farta e fácil vitória, é in
regressar de Aveiro com os ouvido
de insultos e o corpo sem amolgadel

Torna-se absolutamente neces
solver este problema sob pena de se
risco de transformar todos os ca
Distrito em terrenos de batalha. S
tendermos meter «foice em seara
somos de opinião que todas as colect
vítimas do «delirium tremens futeb
aveirenses» se devem unir e pôr as e
superiores da orgânica desportiva
ao par do que tem ocorrido em A
muito respeitosamente declarar qu
evitam rigorosamente tais incidente
clubes se negam a infileirar ao lado d
-Mar para disputar do Campeonato.

Oxalá se resolva satisfatòriamen
blema para bem do desporto que n
Distrito tem sofrido tratos de polé.

HOQUEI EM CAM

Possue a Associação Académ
secção que no princípio da época se
tava de molde a conquistar lugar p
rante na disputa do campeonato
mas que, devido à incompreensão e p
á má vontade de pessoas que se intit
desportistas, quase nos levaram à de
e abandono desta modalidade.

Desde o incidente com o Sport C
Porto, em que este clube se recusou
um insignificante quarto de hora pela
da nossa equipa, retardada pelo tem
que nos obrigou à primeira falta de
rência, facto ocasionado pela ma
má vontade de um jogador-director d
passando pela arbitragem do Ram
-Académica, em que tudo foi feito e
tido propósito de prejudicar, leva
abandono do campo pela nossa equi
retar castigos e, desistência de pr
várias atletas, até à incompreensíve
ção tomada pelos dirigentes do Sporti
de Espinho, que, alegando a reali
jogo de juniores Salgueiros-Sanjoa
realizar pelas onze horas, nos ne
utilização do Campo da Avenida par
horas do mesmo dia, tudo se coadju
que viessemos ocupar um lugar
longe das nossas possibilidades.

Não podemos, porém, deixar se
a atitude de certos directores do Sport
pois de maneira alguma poderá haver
ção para tal facto. Com mais um pou
vontade, teriam sido realizados os d
pois havia tempo de sobra para se p
marcação do campo, e não nos e
assim à contingência de uma falta d
rência que acarretaria a eliminação d

Finalizando, lamentamos que,
dos obstáculos encontrados, não ti
vido um pouco de compreensão co
teria a ganhar não só a Associação
ca mas também a modalidade hoqui

PATINAGEM E CORRIDAS

É uma das primeiras modalidades do clube, que usufruiu de imediato da construção do Ringue de Patinagem em 1938. Nos "anos da fundação", destacaram-se os atletas Lopo Marques e João Cunha Gonçalves, grandes entusiastas das corridas de patins. O primeiro, que se sagrou campeão regional na categoria dos 300 metros na época de 1941/42, era um especialista nas corridas de 300, 500 e 1.500 metros. João Gonçalves dedicou-se aos 1.000, 1.500 e 5.000 metros, conquistando em 1947 dois títulos regionais e foi campeão nacional em 1.000 e 1.500 metros. Em Outubro de 1948 João Gonçalves participou nos Campeonatos Nacionais de Patinagem, realizados no Ring do Sport Lisboa e Benfica, nas categorias de 500, 1.000, 1.500 e 5.000 metros, conseguindo obter um 6.º lugar nos 500 metros, naquela que foi a sua melhor classificação.

Gincana e corrida em patins, Ringue de Patinagem de Espinho.

HÓQUEI EM PATINS

No ano da fundação da Associação Académica de Espinho foi inaugurado o Ringue de Patinagem de Espinho, espaço que permitiu a prática das modalidades de patinagem, corridas e hóquei em patins. Nesse mesmo ano a Académica de Espinho, o Académico Futebol Clube, o Clube Infante Sagres e o Estrela Vigorosa Sport, fundaram a Associação de Hockey e Patinagem do Norte, que teve como primeira tarefa a organização do I Campeonato Regional do Norte. Anos mais tarde essa Associação passou a designar-se de Associação de Patinagem do Norte e nos anos 60 do século XX de Associação de Patinagem do Porto.

Amparo Santiago liderou durante vários anos a secção de hóquei em patins, considerada a modalidade mais representativa do clube. Em 1939, com uma equipa ainda em formação, a Académica apresentava um conjunto constituído por António Lacerda, Barbot, Guerra, Raul e Amparo Santiago. Posteriormente, e já na década de 40 do século XX, surgem outros nomes ligados à modalidade, com destaque para Abel Santiago, Aníbal Lacerda, Manuel Costa, Costa Oliveira, Ernesto, Correia Dias, Alberto Alves, João Gonçalves, Hilário Fernando, Alberto Castro Lima, Francisco Resende, Armando Morais, Bernardo, Lopo, Henrique, entre outros.

De pé (esq.) – Francisco Caldeira, Abel Santiago, Alberto Alves, João Gonçalves e Hilário Fernando.
Em baixo (esq.) – Alberto Castro Lima, Amparo Santiago, Francisco Resende e Armando Morais.

HÓQUEI EM PATINS

Em 1942, e devido ao excelente trabalho de Amparo Santiago, foi criada a equipa de Juniores, constituída por Alberto Monteiro, M. José Vaz, Cassiano, Mário Valente, João Gonçalves e J. Dias. No final da época de 1944/45 o hóquei em patins já estava bem consolidado dentro do clube, obtendo a Académica de Espinho o terceiro lugar no Campeonato Regional do Norte. No ano de 1947 os academistas participaram nos campeonatos de seniores e juniores com duas equipas em cada escalão. A equipa A de juniores era composta por Augusto Nascimento, Manuel Pereira, Mário Gaioso, Fernando Carvalhas, Rodrigo Pinheiro e António Barros e a equipa B por António Gato, Higino Mendes, António Silva, José Oliveira, Clareano, Simplício e Tarrafa.

A continuação do trabalho desenvolvido nos "anos da fundação", sobretudo ao nível da formação deram excelentes resultados no futuro. A juntar a Abel Santiago estão os nomes de Vlademiro Brandão e de Vítor Hugo, as três maiores referências da história do hóquei patins da Académica de Espinho, cujo maior feito desportivo viria a acontecer em 1979 com a conquista do Campeonato Nacional de Juniores.

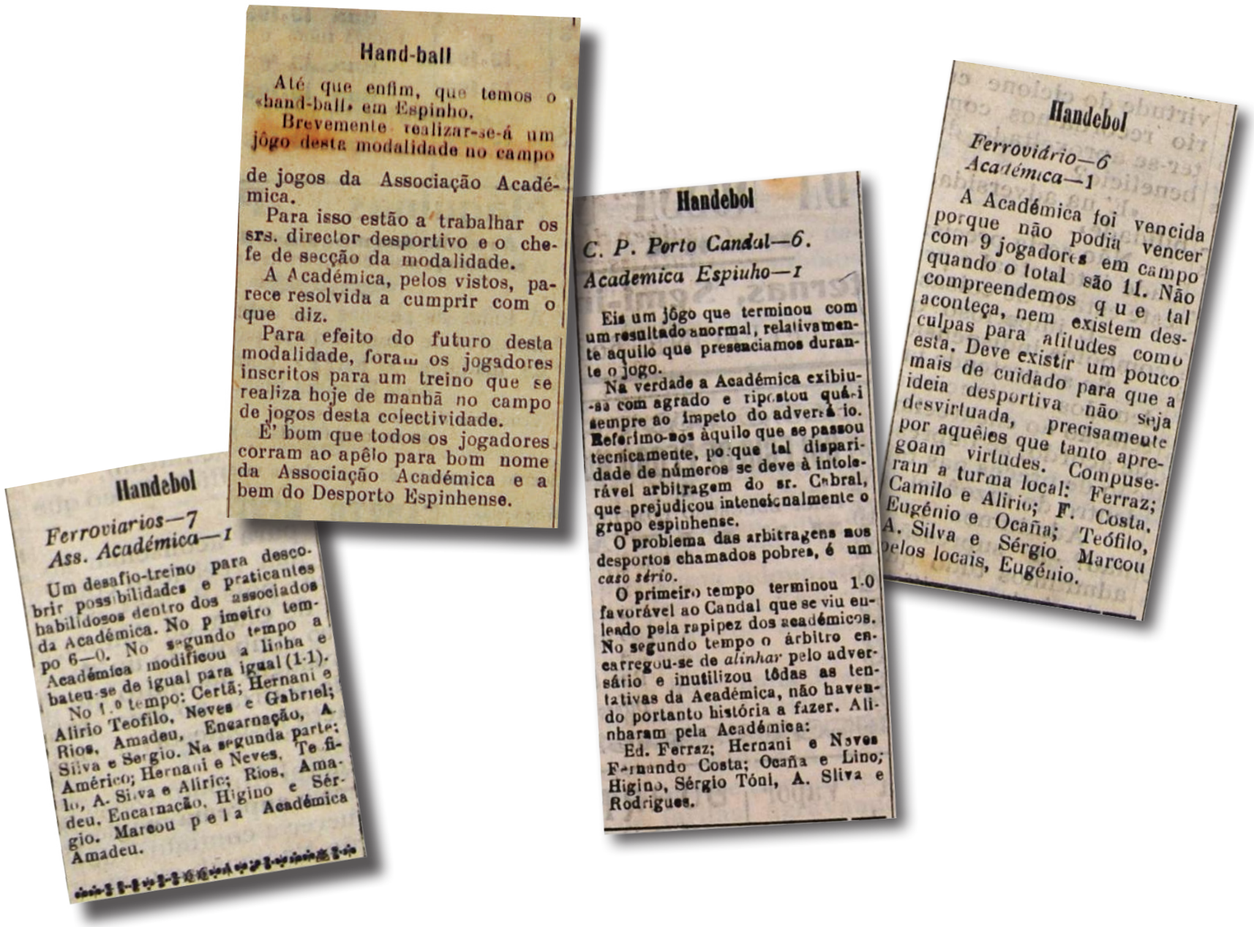
Da esq. – Cassiano Marques, João Gonçalves, Abel Santiago, Armando Morais e Aníbal Lacerda.

ANDEBOL

A secção de Andebol da Associação Académica de Espinho começou a sua actividade regular em Janeiro de 1939, numa época em que só se praticava a variante de andebol de onze. Em Portugal esta modalidade surgiu na cidade do Porto em finais de 1929. Em 1931 foi formada a Associação de Andebol de Lisboa e em 1932 a Associação de Andebol do Porto, e a variante de andebol de sete foi introduzida em 1949.

No campo de Anta realizavam-se os treinos e os jogos da Académica de Espinho. Orlando Pais, Sérgio Gonçalves e Fernando Costa foram os primeiros chefes de secção, sob a direcção de Higino Pires. Na época de 1941-42 a equipa da Académica estava filiada na Associação do Porto a disputar o campeonato da 2.ª Divisão, com vinte e quatro jogadores inscritos. Américo, Hernâni, Neves, Teófilo, A. Silva, Alírio, Rios, Amadeu, Encarnação, Higino Pires, Sérgio, Gabriel, Ed. Ferraz, Fernando Costa, Ocanã, Lino, Toni, J. Rodrigues, Costa Reis, Fontinha, Bártolo, Eugénio e Camilo foram os atletas utilizados.

Em 1943/44 a formação da Académica era constituída por Teófilo, Alírio e Sérgio, Gaio, Eugénio e F. Costa, Vieira da Costa (ex-Desportivo de Portugal), Manuel Ramos, Ferraz, Egídio, A. Silva, Hermâni, Costa Reis, António Máximo, Morais e Sá, Amparo, Vita, Higino, Toni, Ferraz, Jones, Simão, Bastos Pires, Caldeira, Higino Pires, Anjos Neves, Dionísio, Sucena, Guiomar, Lacerda. Em Novembro de 1945 e devido à falta de um "parque de jogos" condigno resolveu a Direcção da Académica de Espinho suspender a prática do Andebol.



Hand-ball

Até que enfim, que temos o «hand-ball» em Espinho.

Brevemente realizar-se-á um jôgo desta modalidade no campo de jogos da Associação Académica.

Para isso estão a trabalhar os srs. director desportivo e o chefe de secção da modalidade.

A Académica, pelos vistos, parece resolvida a cumprir com o que diz.

Para efeito do futuro desta modalidade, foram os jogadores inscritos para um treino que se realiza hoje de manhã no campo de jogos desta colectividade.

É' bom que todos os jogadores corram ao apêlo para bom nome da Associação Académica e a bem do Desporto Espinhense.

Handebol

Ferroviarios—7
Ass. Académica—1

Um desafio-treino para descobrir possibilidades e praticantes habilidosos dentro dos associados da Académica. No primeiro tempo 6—0. No segundo tempo a Académica modificou a linha e bateu-se de igual para igual (1-1).

No 1.º tempo: Certã; Hernani e Alirio Teofilo, Neves e Gabriel; Rios, Amadeu, Encarnação, A. Silva e Sergio. Na segunda parte: Américo; Hernani e Neves, Teofilo, A. Silva e Alirio; Rios, Amadeu, Encarnação, Higino e Sérgio. Marcou pela Académica Amadeu.

Handebol

C. P. Porto Candal—6.
Academica Espinho—1

Eis um jôgo que terminou com um resultado anormal, relativamente aquilo que presenciamos durante o jogo.

Na verdade a Académica exibiu-se com agrado e ripostou quási sempre ao ímpeto do adversário. Referimo-nos àquilo que se passou tecnicamente, porque tal disparidade de números se deve à intolerável arbitragem do sr. Cabral, que prejudicou intencionalmente o grupo espinhense.

O problema das arbitragens nos desportos chamados pobres, é um *caso sério*.

O primeiro tempo terminou 1-0 favorável ao Candal que se viu auxiliado pela rapidez dos academicos. No segundo tempo o árbitro encarregou-se de *alinhar* pelo adversário e inutilizou tôdas as tentativas da Académica, não havendo portanto história a fazer. Alinharam pela Académica:

Ed. Ferraz; Hernani e Neves Fernando Costa; Ocaña e Lino; Higino, Sérgio Tóni, A. Sliva e Rodrigues.

Handebol

Ferroviário—6
Académica—1

A Académica foi vencida porque não podia vencer com 9 jogadores em campo quando o total são 11. Não compreendemos que tal aconteça, nem existem desculpas para atitudes como esta. Deve existir um pouco mais de cuidado para que a ideia desportiva não seja desvirtuada, precisamente por aquêles que tanto apregoam virtudes. Compuseram a turma local: Ferraz; Camilo e Alirio; F. Costa, Eugénio e Ocaña; Teófilo, A. Silva e Sérgio Marcou pelos locais, Eugénio.

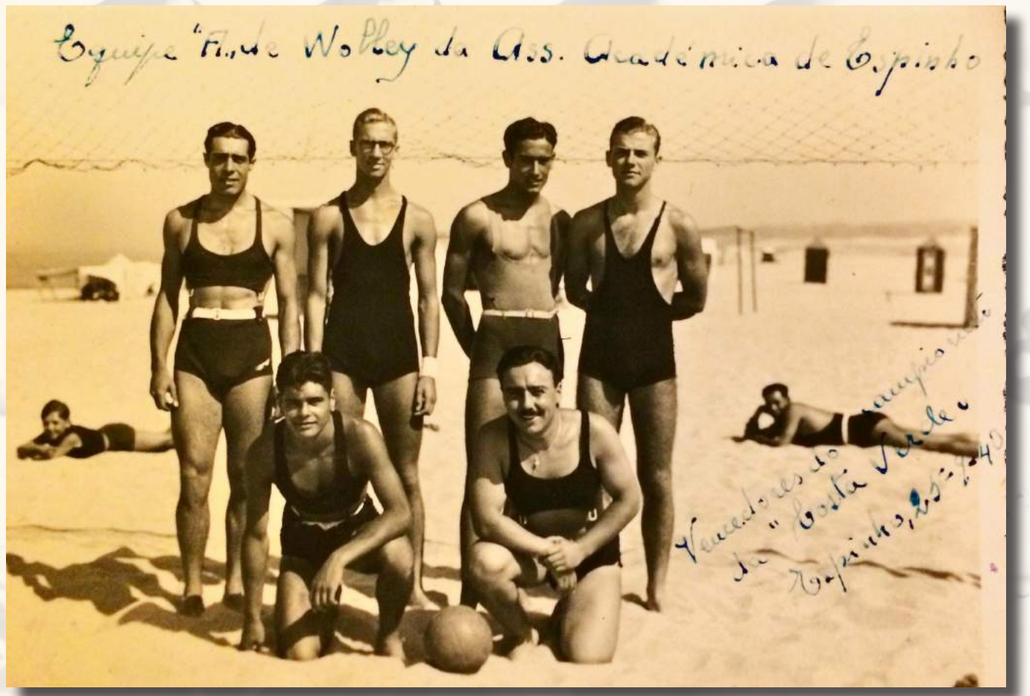
VOLEIBOL

É uma das modalidades rainhas do clube, orgulhando-se a Associação Académica de Espinho de ser um dos sócios fundadores da Associação de Voleibol do Porto (AVP), que foi constituída em 31 de Março de 1942 por proposta de Higino Augusto Pires, à época chefe de secção do voleibol academista e também jogador do clube espinhense, o qual ocupou o cargo de primeiro presidente da AVP.

Em 27 de Agosto de 1939 a Académica de Espinho apresentou-se no Torneio de Voleibol de Praia da Aguda com uma equipa formada por Carlos Ramos, Higino Pires, Manuel Rosado, Adriano Carvalho, os irmãos João e António Máximo e Jerónimo Reis. Em Setembro de 1940 venceu o Campeonato da Costa Verde em Voleibol de Praia, com uma equipa constituída por Higino Pires, Adriano Carvalho, António Máximo, Anjos Neves, Jerónimo Reis e João Máximo.

Na época desportiva de 1941-42 a Académica, a jogar no Campeonato do Porto, conseguiu conquistar os títulos de honra, segunda e terceira categorias e um segundo lugar em reservas. O título de campeão do norte da modalidade ficou a dever-se ao bom desempenho de uma equipa constituída por Amparo Santiago, Anjos Neves, Alberto Vita, António Luís Rebocho e Higino Pires.

Em 1945 a final do Campeonato do Norte foi disputada entre a Académica de Espinho e o Futebol Clube do Porto, com a vitória para o clube das Antas. O seis base do clube espinhense era constituído por António Bandeira, Henrique Rios, Alexandre Castro Lima, Higino Pires, Ramiro Sousa e Vitorino Neves.



De pé (esq.) – Higino Pires, António Máximo, Anjos Neves e João Máximo. Em baixo (esq.) – Adriano Carvalho e Jerónimo Reis.

VOLEIBOL

No início da época de 1947-48 a Académica, a competir na 1.ª Divisão Nacional, apresentava uma formação que integrava os seguintes elementos: Castro Lima, Fernando Neto, Fernando Caldeira, João Simões, Narciso Oliveira, José Lago e Miguel Rocha.

Amadeu Morais, Manuel Baptista, Francisco Ferreira de Almeida, Sérgio Gonçalves, António Gaio, João Lagos, Carlos Gaioso, João de Castro, Fernando Victor, Hernâni Domingues, António Rino, Augusto Nascimento, Miguel Rocha, Álvaro Serralva, Albano Moura, Mascarenhas, Alberto Mário, Francisco Rezende, Egas Empis, Alberto Ribeiro, Sousa Marques, Manuel Ramos, António Sebastião, Joaquim Silva, Vasconcelos Charters, Seabra Moura, António e João Máximo, António Sampaio Maia, Adriano, N. N., e Elísio foram outros atletas que representaram o voleibol academista nos anos da fundação. Os treinos e os jogos eram realizados num campo situado na rua 18 com a rua 15 e no Ringue de Patinagem.

Em Novembro de 1948 a Associação de Voleibol do Porto distinguiu a Associação Académica de Espinho com uma placa em prata, Higino Pires com um flâmula em ouro e Anjos Neves e Alberto Vita com flâmulas em prata, pelo valioso contributo que deram na fundação, organização e desenvolvimento desse organismo regional.

Os primeiros dez anos da prática do voleibol serviram para consolidar a modalidade dentro do clube e preparar as bases de um projecto futuro que passou e continua a passar pela formação de jovens voleibolistas em todos os escalões. Das suas escolas saíram os atletas olímpicos Miguel Maia e João Brenha, conquistando a Associação Académia de Espinho, na época 1989-90, o único título que possui de Campeã Nacional da 1.ª Divisão.

BASQUETEBOL

A secção de basquetebol, dirigida num primeiro momento por Anjos Neves e António Máximo, começou por realizar jogos com clubes da Associação de Basquetebol do Porto, sofrendo um interregno de alguns anos, voltando à actividade em Novembro de 1945 ao inscrever-se novamente no Campeonato (Promoção) da Associação do Porto, formando uma equipa com os atletas que praticavam o Andebol, modalidade cuja prática foi suspensa nesse ano, e entre os quais se destacavam Alexandre Castro Lima, Napoleão Amorim, Fernando Seabra, Hernâni Domingues, Toni Sampaio Maia, F. Costa, Sérgio Gonçalves e Fernando Bastos Pires. O Ring de Patinagem servia de palco para os treinos e jogos.

Em 1946, e com direcção técnica de José Horta, a equipa de basquetebol foi inscrita na I Divisão da Associação de Basquetebol de Aveiro. Nesse ano começou a funcionar o escalão de juniores. Os treinos e os jogos realizavam-se no campo da Av.24, junto aos courts de ténis.

Fizeram parte das primeiras equipas os atletas Anjos Neves, Sérgio Gonçalves, André Lima, Napoleão, Seabra, Viseu, Tony, João Gaioso, Lino Luz, Adriano Carvalho, Hernâni Domingues, António Bandeira e Miguel Rocha. Com a integração na Associação de Basquetebol de Aveiro foi constituída uma equipa de honra formada por Miguel Rocha, Hernâni Domingues, Manuel Ramos, Sérgio Gonçalves, Jorge e José Horta, Abel Costa, Américo Mascarenhas, Alberto Castro Lima, Valdemar Bodas, Alberto Alves e João Gonçalves. No escalão de juniores alinhavam Nascimento Magalhães, Fernando Nazaré, Alberto Mário, Horta, Álvaro Serralva, Fernando Veiga Domingues, Adelino Costa e Carlos Lopes.

Em 1947/48 a secção chefiada por Mário Duarte dos Santos Ramos contava com o apoio médico dos Drs. António José Miranda Valente, Américo Santos e António Pereira Pinto e do massagista-enfermeiro José Aurélio Correia Pinto. A equipa sénior ou de honra, treinada por Manuel Anjos Neves, era formada por Ramos, Rocha, Rino, Sérgio, Jorge e José Horta, Cruz, Costa, Lopes, Pires, Gonçalves, Hernâni, Serralva e Veiga e a de juniores por Carlos Moutinho, João Calheiros Lobo, Alberto Horta, Narciso de Oliveira, Fernando N.N., Fernando Borges, Ernesto de Oliveira, Alberto Jesus, Alberto Mário, João Mário, Sá Couto, António Emílio, António Alberto, Fernando e Afonso.

O Basquetebol foi perdendo expressão dentro do clube, quer por falta de um espaço apropriado para a sua prática, quer pela saída dos atletas para outras modalidades, reaparecendo na década de 1970 no novíssimo pavilhão Arquitecto Jerónimo Reis.

HÓQUEI EM CAMPO

A estreia da primeira equipa de hóquei em campo da Associação Académica de Espinho ocorreu em 24 de Agosto de 1941 num jogo contra o Estrela e Vigorosa Sport. Alinharam pelos academistas os jogadores Aníbal Lacerda, Anjos Neves, Nunes Ferreira, Alberto Vita, Hugo Sousa, Bandeira Guimarães, Carlos Ramos, Antero, N. N., Amaral e Joaquim Oliveira. Tiveram em destaque os já "experientes" Nunes Ferreira (ex-F. C. do Porto), Hugo Sousa, Amaral e Antero e os "principiantes" Anjos Neves e Bandeira Guimarães.

Entre 1941 e 1948, e para além dos atletas já mencionados, outros jovens a jogarem outras modalidades desportivas dentro clube experienciaram a prática do hóquei em campo e fizeram parte de várias equipas. Temos os exemplos de Jerónimo Reis, Amparo e Abel Santiago, Henrique Sousa, Higino Pires, António Lacerda, Abel Costa, Fausto, Toni Sampaio Maia, Vergílio Lacerda, Eduardo, J. Castro, S. Moura, Gonçalves, J. Reis, Américo Morais, Fernando Costa, Francisco Resende, Alberto Alves, Serralva, N.N., Vitó, Alberto Ribeiro, Vita, Neves, Alexandre Reis entre outros. De clubes do Porto vieram Cláudio Mourão e Medeiros (ex-Académico) e Mendes (ex-F. C. do Porto), Inácio e Arlindo (ex-L´Air Liquide) e Barbosa (ex-Vilanovense).

De pé (esq.) – Joaquim Oliveira, Alberto Vita, António Lacerda, Bandeira Guimarães, Higino Pires e Jerónimo Reis.
Em baixo (esq.) – Cláudio Mourão, Medeiros, Henrique Sousa, Nunes Ferreira e Mendes.

HÓQUEI EM CAMPO

Jerónimo Reis e Alberto Vita foram os grandes impulsionadores desta modalidade, que é a mais novel secção desportiva dos "anos da fundação" do clube. A disputar o Campeonato Regional do Norte, em Divisão única, a Académica de Espinho obteve dois sextos lugares, em 1946 e 1948, numa época em que a secção "vivia do desembolso, sacrifício e esforço de alguns elementos", e na procura da consolidação e afirmação da modalidade. Nesses primeiros anos a Académica de Espinho chegou a ter vinte e três atletas inscritos na Associação de Hóquei em Campo do Porto. Os treinos realizavam-se no campo de Anta e os jogos no Campo da Avenida cedido pelo Sporting Clube de Espinho.

Os momentos de glória do hóquei em campo academista estavam reservados para a última década do século XX e primeira década do século XXI, fruto de uma aposta forte ao nível da formação de atletas. Com vários jogadores internacionais nas variantes de campo e sala, o clube conseguiu alcançar títulos nacionais, taças e super-taça de Portugal e foi vencedor da Taça das Taças, Divisão C, Campo, em Cardif, País de Gales, naquele que continua a ser o maior êxito desportivo da modalidade e uma das maiores conquistas da Associação Académica de Espinho.

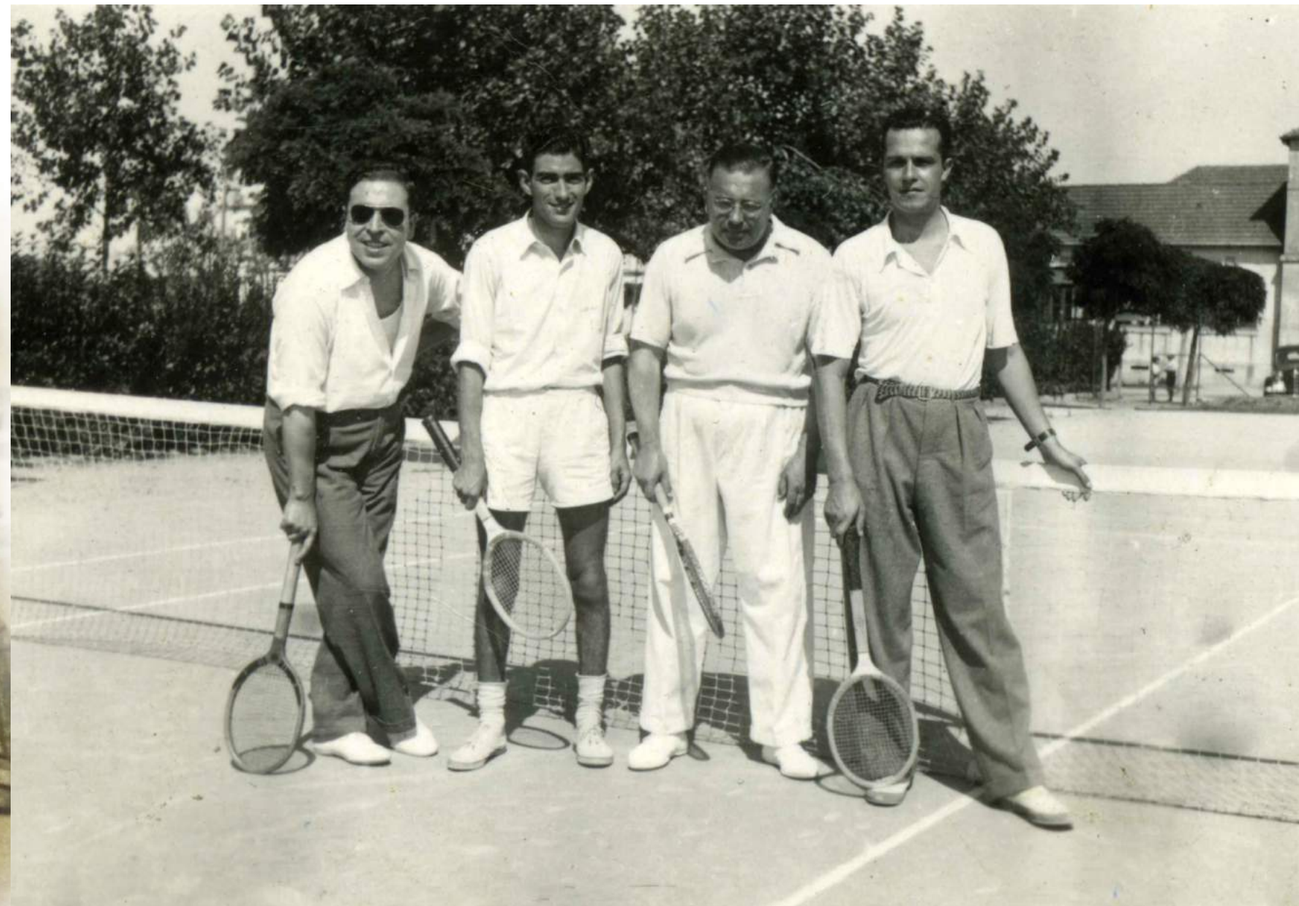
OUTROS DESPORTOS

No tempo curto que representa os "anos da fundação", apareceram outros desportos que pela sua fraca expressão se tornaram efémeros. Falamos do futebol, atletismo, educação física, natação, tiro reduzido e da aviominiatura, que não consideramos um desporto. O ténis é um caso singular, que só irá ter expressão como modalidade desportiva dentro do clube décadas mais tarde.

Em Agosto de 1939 o ténis era praticado nos courts do antigo "Espinho Ténis Clube", na Av. 24, cedidos à Académica de Espinho por Manuel Rodrigues Pereira. Em 3 de Setembro de 1939 realizou-se um torneio de ténis em Oliveira de Azeméis com a participação de tenistas da Associação Académica.

No tiro reduzido temos informação dos atletas Franklim Reis e Eduardo Borges terem participado no ano de 1942 numa prova em que alcançaram os dois primeiros lugares. Marçal de Oliveira Duarte também era um praticante desta modalidade.

Em relação ao atletismo dispomos de uma informação que refere a participação em 1948 de quatro atletas da Académica num torneio popular realizado no Porto. Alberto Mário conquistou o 2.ºlugar na prova de 80 metros planos e Calheiros Lobo obteve a segunda melhor marca no salto em comprimento.



OUTROS DESPORTOS

A única notícia que temos disponível da secção de natação menciona que em 1943 "a secção ainda não teve oportunidade de se apresentar, porque a empresa da Piscina Solário Atlântico não correspondeu ao que dela se esperava. Várias vezes se tentou um acordo com a Direcção da empresa que se eximiu ao acerto de condições."

O Futebol foi praticado nos primeiros anos mas não passou dos jogos amigáveis e rapidamente se extinguiu. Uma das primeiras equipas era constituída por Albérico, Amparo e Félix, Gomes, Manuel e Lino, Higino Pires, Lacerda, Jerónimo Reis, Sá Couto e Amadeu Morais. Destacaram-se os jogos contra o Atlético Clube de Espinho. A Educação Física esteve na base da criação da secção de ginástica no final da década de 50 do século XX.

A secção de aviominiatura teve na pessoa de Marçal de Oliveira Duarte a sua principal figura, contando também com a participação de Abel Santiago, Sérgio Gonçalves, Henrique Sousa, entre outros academistas. O modelo mais utilizado era o "Gavião 37".

Equipa de futebol da A.A.E., em 1938.

CAMPISMO

"Fonte de saúde e alegria, magnifico regenerador do corpo e do espírito, cansados pela vida monótona e deprimente da cidade, cabe ao Campismo papel de relevo no renascimento da Alegria de Viver."

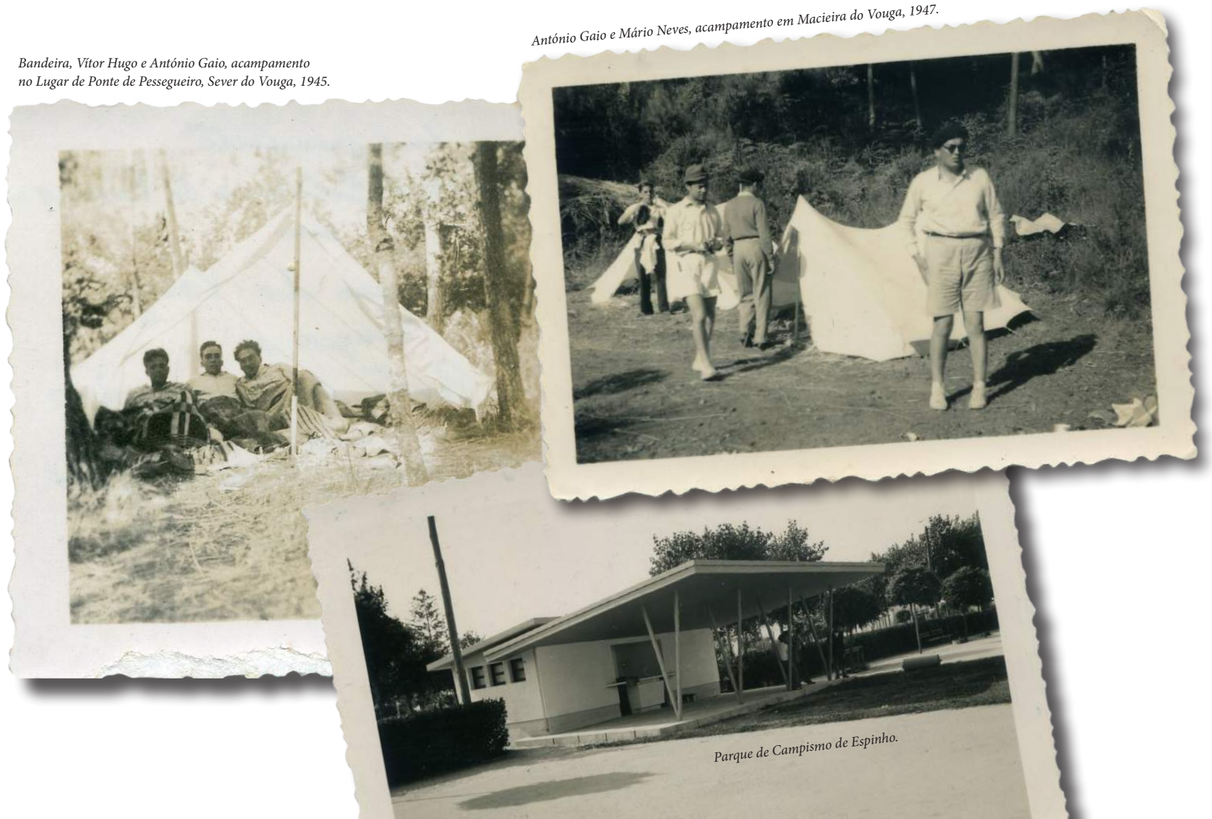
In Boletim da Associação Académica de Espinho, n.º 1, 31 de Julho de 1947.

A prática da vida ao ar livre num meio ambiente propício à reconstituição de energias era considerada uma forma eficaz de combate à fadiga física e intelectual e um excelente e salutar meio de convívio para os mais jovens, conceito que esteve na base da fundação do Núcleo Campista de Espinho em Março de 1945. Esta agremiação, que realizou o seu primeiro acampamento em Golfar, Vila da Feira, tinha um conjunto directivo composto por Mário Neves, António Guimarães dos Santos, Francisco Caldeira e António Gaio e sede na rua 18 n.º 1145. Em 1946 a Direcção do Núcleo era constituída por Henrique Almeida de Eça (Presidente), Victor Hugo Pereira Martins (Secretário), Francisco Giraldes Caldeira (Tesoureiro) e António Ferreira Gaio (Director Técnico).

Na Académica de Espinho o campismo teve nas pessoas de António Ferreira Gaio e Mário Alberto da Rocha Neves dois dos grandes dinamizadores da secção, que já aparece referenciada no Relatório e Contas da Direcção relativo à gerência de 1945. Os acampamentos realizavam-se em várias localidades com destaque para Ovar, Ria de Aveiro, Serém, Macieira e Sever do Vouga e nas margens do rio Caima.

Bandeira, Vítor Hugo e António Gaio, acampamento no Lugar de Ponte de Pessegueiro, Sever do Vouga, 1945.

António Gaio e Mário Neves, acampamento em Macieira do Vouga, 1947.



Parque de Campismo de Espinho.

ACÇÃO SOCIAL E RECREATIVA

Tendo por fim "educar" socialmente a sua massa associativa, os primeiros corpos gerentes da Associação Académica de Espinho, e à semelhança do que acontecia com outras associações académicas, organizaram ciclos de conferências e palestras de carácter literário, científico e pedagógico, festas e bailes para os associados.

Em 1940, por vontade "férrea" de António Gomes dos Santos, seu primeiro regente, foi fundado o Orfeão da Associação Académica de Espinho, que realizou o primeiro espectáculo na festa de passagem de ano, na Pensão Demétrio. Foram solistas da "Rapsódia Portuguesa" e dos "Sinos da Ermidinha" Napoleão Amorim e Américo Morais. Imbuída de um espírito coimbrã, colaboraram na festa o compositor Abel Sequeira, Joel Mascarenhas e José Craveiro, três dos mais altos valores da Associação Académica de Coimbra, que se exibiram em solos de acordeão, violino e viola.

Em 1947 foi realizada a reorganização do Orfeão criando-se uma direcção formada pelo Padre José Pereira da Costa, Presidente, Joaquim Cadinha, Vice-Presidente, Elísio de Sousa Baptista, secretário, Vítor Hugo Pereira Martins, tesoureiro, António Ferreira Gaio, vogal e Mário Neves, director artístico. A inscrição estava reservada aos sócios, de ambos os sexos, gozando de todos os privilégios que os estatutos conferem e com a obrigação de assistirem a todos os ensaios parciais ou gerais. O primeiro ensaio contou com a presença de mais de oitenta associados, número que diminuiu nos ensaios seguintes, facto que levou Mário Neves a transformar o orfeão num grupo coral com aproximadamente quarenta coralistas. No final de 1948 o relatório sobre a actividade do Orfeão apresentado com a conta de gerência desse ano é muito negativo, acusando quatro elementos da direcção do Orfeão de "abandonarem pura e simplesmente, sem explicações, nem desculpas, o Orfeão à sua sorte."

UMA ATRAENTE RÉCITA

da Associação Académica de Espinho

A opereta «Miss Costa Verde» e o episódio «Os 7 Sábios da Grécia».—Espectáculo curioso e interessante

ORFEÃO

Embora os ensaios decorram com normalidade, a direcção do Orfeão debate-se com um problema que a conservar-se sem solução, comprometerá o êxito duma iniciativa que veio preencher uma lacuna na vida da mocidade espinhense. O problema está no número reduzido de elementos presentes aos ensaios, número êsse insuficiente para a organização dum bom orfeão.

Chega a tornar-se incompreensível a dificuldade de agrupar 100 rapazes numa terra como Espinho onde abunda a mocidade. Já é tempo de se compreender que existe alguma coisa além do desporto.

Tendo esperança em melhores dias, está a preparar-se a apresentação do Orfeão, no Salão Nobre dos B. V. Espinhenses, só para sócios e convidados.

Integrada nas comemorações do X Aniversário da A. A. E. aquela apresentação além de aquecer o entusiasmo dos jóvens orfeonistas servirá para se julgar das possibilidades artísticas do nosso Orfeão.

Vogal

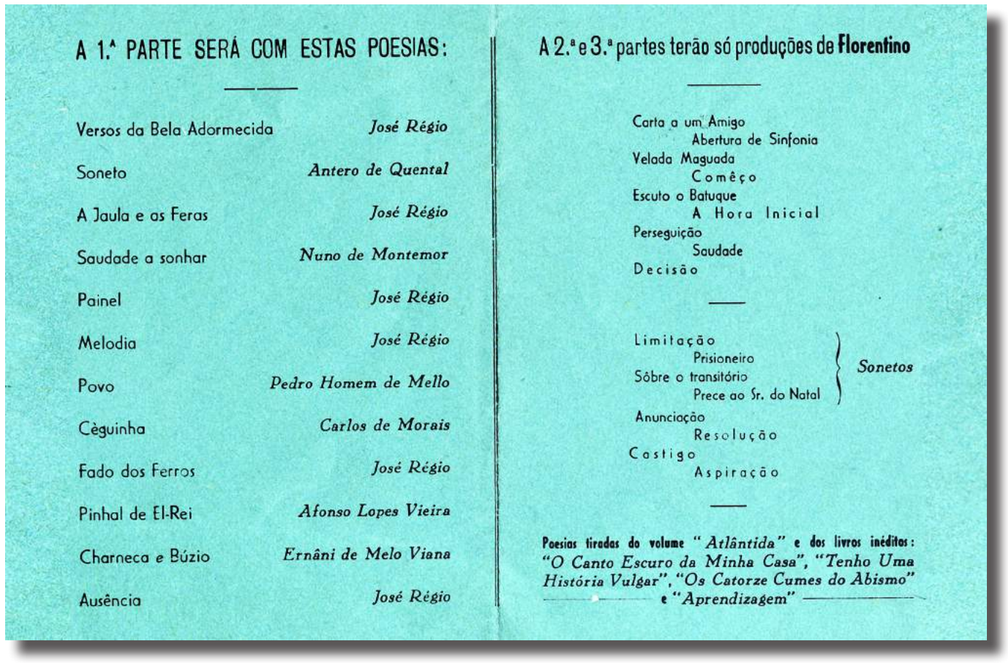
ACÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

"Uma Associação Académica orientando a sua actividade de forma a só mostrar presença e vitalidade adentro do Desporto, esquecendo o seu objectivo – a Cultura – trairia o seu nome desprezando a finalidade que a distingue de outras agremiações."

GAIO, António Ferreira, Relatório da Secção Cultural – Gerência de 1947/48, 1948.

A secção cultural e artística da Associação Académica de Espinho esteve "adormecida" até ao aparecimento do "Boletim da Associação Académica de Espinho" em 31 de Julho de 1947, adoptando o nome de "Rumo", a partir do n.º 16, de 31 de Outubro de 1948. Foi, sem dúvida, um periódico que honrou o nome de uma associação académica, que se cria culta, crítica, moderna e aberta a novas formas de pensar e de dinamizar a cultura, e desempoeirada para uma época em que se vivia num autêntico obscurantismo cultural.

A partir do "Rumo" foram surgindo novas ideias como os cursos ou aulas de iniciação cultural, a formação de uma biblioteca, a criação de um grupo cénico, e a realização de palestras. António Nunes das Neves foi um elemento muito activo na dinamização da secção cultural. Foi ele que apresentou o esboço das normas de funcionamento da biblioteca e do programa de actividades da secção. A aposta na leitura passava pela divulgação no "Rumo" das 100 melhores obras da literatura universal e de muita poesia de autores consagrados. Aproveitando as qualidades artísticas do estudante e poeta Florentino Goulart Nogueira foram organizados em 1948 os primeiros Jogos Florais da Associação Académica de Espinho.



A 1.ª PARTE SERÁ COM ESTAS POESIAS:

Versos da Bela Adormecida	*José Régio*
Soneto	*Antero de Quental*
A Jaula e as Feras	*José Régio*
Saudade a sonhar	*Nuno de Montemor*
Painel	*José Régio*
Melodia	*José Régio*
Povo	*Pedro Homem de Mello*
Cèguinha	*Carlos de Morais*
Fado dos Ferros	*José Régio*
Pinhal de El-Rei	*Afonso Lopes Vieira*
Charneca e Búzio	*Ernâni de Melo Viana*
Ausência	*José Régio*

A 2.ª e 3.ª partes terão só produções de **Florentino**

Carta a um Amigo
Abertura de Sinfonia
Velada Maguada
Começo
Escuto o Batuque
A Hora Inicial
Perseguição
Saudade
Decisão

Limitação
Prisioneiro
Sôbre o transitório
Prece ao Sr. do Natal
} *Sonetos*

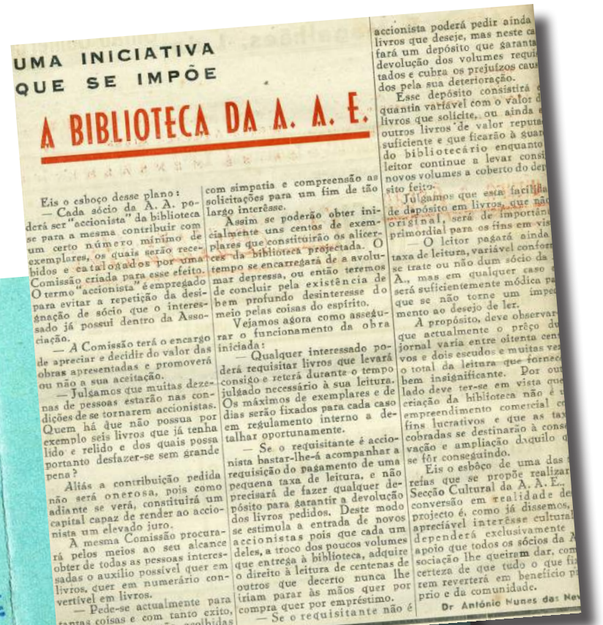
Anunciação
Resolução
Castigo
Aspiração

Poesias tiradas do volume "*Atlântida*" e dos livros inéditos: "*O Canto Escuro da Minha Casa*", "*Tenho Uma História Vulgar*", "*Os Catorze Cumes do Abismo*" e "*Aprendizagem*"

ACÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

Nos anos 50 do século XX a ideia da fundação de um cineclube em Espinho foi fruto do trabalho de um grupo de jovens cinéfilos então ligados à secção cultural da Associação Académica de Espinho, entre os quais se encontrava António Gaio, que foi sempre um dos elementos mais activos dentro da secção cultural dos academistas. O mesmo se passou com a criação do Teatro Popular de Espinho, ligado à Cooperativa Nascente desde 1976, cuja génese entronca no grupo cénico da Académica de Espinho.

A preocupação e o sentido de levar a Cultura a um maior número de pessoas está bem vincado nas palavras de Florentino Goulart Nogueira, que escrevia na primeira edição do "Boletim" na secção "Cultura – Ciências, Artes e Letras", que a mesma se destinava "à cultura do povo. Não [era] só para os estudantes mas para todos os que queriam aprender. [Pretendia] iniciar os seus leitores na compreensão das Ciências e das Artes. [Dirigia-se] aos que não sabem e não aos sapientes."



UMA INICIATIVA QUE SE IMPÕE

A BIBLIOTECA DA A. A. E.

Eis o esboço desse plano:
— Cada sócio da A. A. poderá ser "accionista" da biblioteca se para a mesma contribuir com um certo número mínimo de exemplares, os quais serão recebidos e catalogados por uma Comissão criada para esse efeito. O termo "accionista" é empregado para evitar a repetição da designação de sócio que o interessado já possui dentro da Associação.

A Comissão terá o encargo de apreciar e decidir do valor das obras apresentadas e promoverá ou não a sua aceitação.

— Julgamos que muitas dezenas de pessoas estarão nas condições de se tornarem accionistas. Quem há que não possua por exemplo seis livros que já tenha lido e relido e dos quais possa portanto desfazer-se sem grande pena?

Aliás a contribuição pedida não será onerosa, pois como adiante se verá, constituirá um capital capaz de render ao accionista um elevado juro.

A mesma Comissão procurará pelos meios ao seu alcance obter de todas as pessoas interessadas o auxílio possível quer em livros, quer em numerário convertível em livros.

— Pede-se actualmente para tantas coisas e com tanto êxito, que me parece serão acolhidas com simpatia e compreensão as solicitações para um fim de tão largo interêsse.

Assim se poderão obter inicialmente uns centos de exemplares que constituirão os alicerces da biblioteca projectada. O tempo se encarregará de a avolumar depressa, ou então teremos de concluir pela existência de bem profundo desinteresse do meio pelas coisas do espírito.

Vejamos agora como assegurar o funcionamento da obra iniciada:

— Qualquer interessado poderá requisitar livros que levará consigo e retirá durante o tempo julgado necessário à sua leitura. Os máximos de exemplares e de dias serão fixados para cada caso em regulamento interno a detalhar oportunamente.

— Se o requisitante é accionista bastar-lhe-á acompanhar a requisição do pagamento de uma pequena taxa de leitura, e não precisará de fazer qualquer depósito para garantir a devolução dos livros pedidos. Deste modo se estimula a entrada de novos accionistas pois que cada um deles, a troco dos poucos volumes que entrega à biblioteca, adquire o direito à leitura de centenas de outros que decerto nunca lhe iriam parar às mãos quer por compra quer por empréstimo.

— Se o requisitante não é accionista poderá pedir ainda livros que deseje, mas neste caso fará um depósito que garanta a devolução dos volumes requisitados e cubra os prejuízos causados pela sua deterioração.

Esse depósito consistirá numa quantia variável com o valor dos livros que solicite, ou ainda com outros livros de valor reputado suficiente e que ficarão à guarda do biblioteca'rio enquanto o leitor continue a levar consigo novos volumes a coberto do depósito feito.

Julgamos que esta facilidade de depósito em livros, que não original, será de importância primordial para os fins em vista.

O leitor pagará ainda uma taxa de leitura, variável conforme se trate ou não dum sócio da A., mas em qualquer caso de será suficientemente módica para que se não torne um impedimento ao desejo de ler.

A propósito, deve observar-se que actualmente o preço do jornal varia entre oitenta centavos e dois escudos e muitas vezes o total da leitura que fizemos bem insignificante. Por outro lado deve ter-se em vista que a criação da biblioteca não é um empreendimento comercial com fins lucrativos e que as taxas cobradas se destinarão à conservação e ampliação daquilo que se fôr conseguindo.

Eis o esbôço de uma das tarefas que se propõe realizar a Secção Cultural da A. A. E. conversão em realidade do projecto é, como já dissemos, apreciável interêsse cultural, dependerá exclusivamente do apoio que todos os sócios da Associação lhe queiram dar, com a certeza de que tudo o que fizerem reverterá em benefício próprio e da comunidade.

Dr. António Nunes das Ne

Antes deste recital, serão distribuídos os Prémios dos Jogos Florais da Associação Académica realizados em 1948

A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO convida

a ver e ouvir as interpretações de poesias, feitas — em vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e quarenta e nove, no salão do Sporting Clube de Espinho — pelo poeta e estudante FLORENTINO GOULART NOGUEIRA

TIP. PROGRESSO-ESPINHO

Boletim

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

I SÉRIE
31 DE JULHO DE 1947
ANO 1 N.º 1
PREÇO $800

EDITOR: ARQ. JERÓNIMO REIS
ADMINISTRADOR: ARMANDO RIBEIRO
PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL)
DIRECTOR HIGINO AUGUSTO PIRES
Redacção e Administração (PROVISÓRIA) RUA 11-483 ESPINHO
COMPOSTO E IMPRESSO TIP. PROGRESSO — ESPINHO —

PUBLICA-SE MENSALMENTE

=ESPINHO=

e o Boletim da Associação Académica

Sendo o "Boletim da Associação Académica de Espinho" o interprete e porta-voz oficial duma agremiação fundada, regida e associativamente formada por espinhenses, ressalta com evidência que a "vida espinhense" lhe merece a melhor atenção, motivo que impedirá possibilidade de indiferença perante os problemas que vizem o seu bom nome, progresso e melhoria geral.

Se verificada fôsse qualquer apatia ou molesa de atitude, por parte da Ass. Académica e do seu orgão oficial, em presença dos problemas que assoberbam Espinho, êsse facto seria, nem mais nem menos, que a negação absoluta do princípio fundamental da colectividade visto que — vivendo a vida espinhense e dando-se a ela pela afirmação de posse que representa o título Ass. Académica *de Espinho* — o seu espírito colectivo teria apenas o som ôco, vazio, das palavras sem sentido. Não pode, nem deve, portanto pressupor-se tal possibilidade, não só porque provadamente se verificou já que nunca assim sucedeu, como também, e agora com maior poder por fôrça da edição do presente *"Boletim"*, uma vez mais se verificará o acrisolado bairrismo dos seus dirigentes e associados.

Dêste modo, e para prova do que se afirma, o Boletim da A. A. E. pôs à disposição da Mesa da S.ta Casa da Misericórdia, desta vila, as suas modestas colunas dando guarida ao desejo e necessidade de serem agitados os problemas da Assistência Pública no nosso concelho.

Mas não ficará por aqui o nosso consciente e crescente entusiasmo de gente moça. Iremos

Continua na pag. 3

EDITORIAL

OBJECTIVO

A Associação Académica de Espinho apresenta aos associados o primeiro número do seu **Boletim**.

O seu objectivo, porque se trata do porta-voz da juventude espinhense com predomínio da classe de eleição que é a dos estudantes, será mais que um reportório dos acontecimentos internos do clube.

As actividades intelectuais merecer-lhe-ão o mais elevado interesse, dando guarida a manifestações de carácter técnico, desportivo, recreativo ou outras, no intuito de dinamisar as condições naturais dos que, portadores de relativa bagagem cultural, anseiam traduzir os seus méritos literários, conceitos ou observações de crítica.

Não fixando assuntos, abandonará no entanto os lugares comuns e todas as manifestações de inferior projecção, despresando igualmente discussões partidárias dogmáticas, inversas ao intuito que presidiu à edição do presente **"Boletim"**.

Apesar da reduzida esfera e acção onde vai pontificar, **"Boletim"** envidará todos os esforços para proporcionar, aos que deseja servir, a possibilidade de colaborarem no óbice ao conformismo dos que, estudando, são simples técnicos acomodatícios da especialidade preferida nos seus cursos, sem vislumbre de interesse pelos problemas colectivos e humanos.

O desenvolvimento das qualidades literárias, o fortalecimento da personalidade, o poder emocional e a noção da responsabilidade, poderão, no **"Boletim"**, desenvolver-se e ampliar-se pela prática do jornalismo — que abraça não só, o sentido crítico e analítico, como também a meditação o estudo e a acção — campo ideal para os primeiros passos dos que procuram fixar constituição lógica e intuitiva para a correlação das suas actividades de moral, consciência e cultura.

O **"Boletim"** procurará ser para a Associação Académica de Espinho um facho de Luz que rasgue a escuridão, ou crepúsculo, em que tem vivido a sua **Secção Cultural**, proprietária da presente publicação.

A Direcção

MARÉS VIVAS

...em todos os tempos a humanidade contemplou-se através dos cristais coloridos pelas doutrinas, pelas crenças e pelas situações... Os espinhenses da Académica de Espinho vão contemplar-se através do «Boletim»

O aparecimento de um jornal estritamente académico, orgão de uma Associação Académica ocasiona sempre determinado movimento de interesse.

A irreverencia, o desassombro e independencia, aliadas á consciencia e natural elevação daqueles que escrevem por tendencia, por prazer ou por entretenimento, livres de sujeições estranhas ao seu mérito literário ás suas manifestações anìmicas, ou seus dotes analíticos canalizam para os orgãos da academia as atenções dos que ainda não deixaram definhar em si os sentimentos superiores do rei da criação. Os estudantes de Espinho vão ter a possibilidade de comparticiparem na formação de um melhor índice de comunidade espiritual, discutindo entre si os problemas sociais e tecnicos, desportivos e recreativos, cingidos á crìtica e estudo desapaixonado, de todos os problemas abordados. A Direcção do «Boletim» da Associação Académica de Espinho solicita de todos os associados o melhor acolhimento, bem como aceita quaisquer reparos ou iniciativas que caibam no espírito que presidiu à edição do presente boletim

Higino Pires

VISADO PELA CENSURA

RUMO – BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

"Lembrai-vos que um novo assinante, muitos assinantes novos, constituirão um sólido apoio moral para o labor desinteressado daqueles que trabalhando no RUMO, trabalham pela Académica e por ESPINHO."

In Relatório das Actividades da Direcção da Associação Académica de Espinho, 1948.

A primeira edição do Boletim da Associação Académica de Espinho ocorreu em 31 de Julho de 1947, devido à acção de Higino Pires, o sócio fundador do jornal e seu primeiro director. O editor era o Arquitecto Jerónimo Reis e a administração estava nas mãos de Armando Ribeiro, com redacção na rua 11 n.º 483. Foi composto e impresso na Tipografia Progresso em Espinho. Oito páginas de boletim trabalhadas por colaboradores como Eugénio Paiva Freixo, Elísio de Sousa F. Baptista, Florentino Goulart Nogueira, Mário Duarte S. Ramos, José Júlio de Matos Corte Real, Aníbal de Castro Lacerda e Vítor Hugo Pereira Martins. Manuel José de Carvalho Vaz era o autor dos desenhos e das gravuras.

O n.º 6, de 30 de Dezembro de 1947, anunciava a publicação de uma Separata Cultural do Boletim. Dezasseis páginas em formato 22x32 cm e incluía as secções de ficção em prosa, poesia, critica literária, espectáculos, artes plásticas, ciências positivas, história, filosofia, música, teatro entre outros assuntos. A separata designou-se de "Cultura" e a direcção continuou a cargo de Florentino Goulart Nogueira. Muitos dos textos tem a assinatura de Lopo Goulart Nogueira. Foi, sem dúvida, uma novidade no tocante à imprensa concelhia. Estamos perante uma separata de enorme qualidade com um conjunto distinto de colaboradores, alguns deles nomes maiores do panorama da cultura portuguesa da época. No n.º 15, de 30 de Setembro de 1948, o jornal aparece nas bancas com o título "RUMO – Boletim da Associação Académica de Espinho", com o editorial "Vitalidade", escrito por Higino Pires, a explicar o seu novo título. A partir do n.º 30, de 31 de Outubro de 1950, aparece com director interino António Ferreira Gaio. O último número do qual temos conhecimento foi publicado em 28 de Fevereiro de 1955.

Foi um boletim pioneiro no que diz respeito à imprensa escrita da Vila de Espinho e o seu êxito residiu, sobretudo, na equipa de jovens estudantes, "gente moça", que via no prazer da escrita um meio eficaz de comunicar com a comunidade local em áreas tão distintas que ultrapassavam em muito a vida académica desportiva.

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR: ARQ. JERÓNIMO REIS — ADMINISTRADOR: JOAQUIM DO SOUTO | REDACTORES: ANTÓNIO GAIO, CARLOS P. MORAIS | DIRECTOR: Higino Augusto Pires | PROPRIEDADE DA A. A. E. (SECÇÃO CULTURAL) | REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória) RUA 11-361 - ESPINHO

Composto e impresso — TIP. PROGRESSO - ESPINHO • AVULSO 2$00 • ANO II - N.º 15 - 30 de Setembro 1948

EDITORIAL

VITALIDADE

Com pouco mais de um ano de existência, o boletim da Ass. Académica de Espinho, apresenta-se já remoçado, envolto no significado amplo e vigoroso do seu novo título. Aos observadores não escapará esta nítida prova de vitalidade quási ininterrupta, nem passará em claro o mundo de conceitos que o título escolhido encerra, em plena demonstração do carácter desta publicação. Num meio em que o ambiente se encontra saturado do "lugar comum" e do elogio mútuo, ou gratuito, só uma publicação baseada em fins idealistas consegue arrostar com os obstáculos e continuar na senda dos objectivos traçados.

Mau grado a realidade do atrás exposto, a nossa publicação, modesta no seu valor intrínseco, mas orgulhosa do seu espírito de arrojada independência, prossegue através dos invios caminhos da mediocridade do actual carácter colectivo, açoitando o «não te rales» mole e estático dos que, com maior valor e mais largas responsabilidades sociais, se quedam no papel de frios e indiferentes espectadores. Não se pense, todavia, que vivemos na utopia da auto-capacidade ou que nos deixamos embalar por enganosa infalibilidade. Os nossos actos e palavras devem proibir-nos o que o bem geral da comunidade nos não permite, mas devem também permitir-nos o que legalmente nos não é proibido. A perfeição — ideal inatingível — seria tocada quando soubéssemos ou pudéssemos oferecer, com a garantia do nosso próprio valor ainda longínquo, o nosso veemente desejo de servir, com desinteresse, elevação, liberdade e abnegação a juventude de Espinho.

Eis a razão-base da nossa quási instintiva vitalidade, que tornou possível o aparecimento do "Boletim" agora continuando no jóvem e significativo **"Rumo"**.

Higino Pires

Educação e Ensino

A MATEMÁTICA

Sua importância + Correcções necessárias ao seu ensino

E' muito generalizada a convicção de que a matemática é uma ciência que adquiriu, já, forma definitiva e que o seu estudo se tem de fazer, portanto, segundo regras e processos perfeitamente determinados e imutáveis.

A verdade é que a matemática, como qualquer outra ciência, continua em constante desenvolvimento e a evolução do pensamento matemático tem, fatalmente, de influenciar os métodos de ensino adoptados no seu estudo e até o conjunto dos conhecimentos que se torna necessário começar por adquirir.

A agitação que se observa em torno dos problemas educacionais teria portanto de atingir o ensino da matemática, dado o lugar de relevo que o seu estudo tem actualmente, lugar naturalmente justificado pela importância cada vez maior da matemática na civilização moderna.

Pode dizer-se que a vida actual está impregnada de matemática. Ela surge, directa ou indirectamente, na solução dos mais variados problemas da vida corrente. Pràticamente, não existiria o progresso material de hoje, se a matemática não tivesse adquirido o desenvolvimento actual.

Por ser iniludível a sua importância permanente na técnica moderna, a sua aprendizagem torna-se até uma necessidade de ordem utilitária. Não é, porém, menos importante a sua acção formativa no desenvolvimento mental e na criação de hábitos de raciocínio claro e preciso. Escreveu um dos irmãos Goncourt: — «De duas inteligências iguais, colocadas em condições idênticas, a prioridade cabe àquela que conhecer a geometria».

Teremos de atender ainda que, se quisermos continuar a apreciar o valor da matemática como elemento essencial duma verdadeira cultura, ela *como ciência é a primeira das ciências*, aquela que serve de base a todas as outras (pelo menos quando passam da fase qualitativa à fase quantitativa). E' clássica a frase seguinte de Kant: — «Cada ciência só contém ciência, na medida em que contém matemática.»

Esboçado, assim, o interesse científico, educacional e utilitário da matemática, compreende-se que se façam todos os esforços para tornar produtivo, fácil e interessante o seu estudo, a que durante anos sucessivos tem, afinal, de dedicar-se qualquer estudante.

Se bem que muito já se progredisse em relação a velhos métodos de ensino que tornavam o estudo da matemática árido, sem finalidade aparente e com resultados pouco compensadores do total de trabalho realizado para os conseguir, parece-nos que muito há ainda a modificar no sentido dum melhor rendimento desse estudo.

Ainda se «sofre» muito a aprender matemática. Ainda muitos consideram a viagem através dos compêndios elementares como uma triste obrigação eriçada de dificuldades.

Tal situação é a resultante de muitas causas que é necessário analizar, procurando no seu conhecimento o remédio para as combater.

Algumas das mais importantes são:

— A ignorância, muito generalizada, do que é a matemática e qual o seu real valor na educação do espírito;

Continua na pág. 2

VISADO PELA CENSURA

OS IRMÃOS SANTIAGO

Nos "Anos da Fundação" consideramos Abel Santiago a figura desportiva de maior destaque da Associação Académica de Espinho. No hóquei em patins foi um jogador tecnicamente muito evoluído, que punha a sua inteligência e subtileza ao serviço da equipa. Foi várias vezes convocado para a Selecção do Porto e do Norte e o seu ecletismo desportivo permitiu-lhe praticar várias modalidades com destaque para o futebol, hóquei em patins e em campo. Abel Santiago e o seu irmão Amparo Santiago, um dos sócios fundadores do clube e um grande impulsionador da secção de hóquei em patins, são duas das maiores figuras e referências desportivas da história da Associação Académica de Espinho.

Abel Santiago

Abel Santiago

Abel e Amparo Santiago

JERÓNIMO REIS

A história dos "anos da fundação" não pode ser dissociada de uma das personalidades mais ímpares da vida da Associação Académica de Espinho: o Arquitecto Jerónimo Reis. Não fez parte da lista dos fundadores da Associação mas representa, sem dúvida, o melhor da alma e do espírito de ser academista. Com a sua irreverência, bonomia e alegria contagiante de estar na vida e no desporto, Jerónimo Reis integrou por várias vezes os corpos sociais do clube, foi chefe de secção e dirigente, presidente da Direcção e praticou as modalidades de ténis de mesa, futebol, voleibol e hóquei em campo. No ténis de mesa fez parte da equipa que conquistou o primeiro título para a Académica. Em 1969 foi atribuído o seu nome ao pavilhão da Associação Académica de Espinho.

CORPOS GERENTES DA ASS. ACADÉMICA DESDE A SUA FUNDAÇÃO

	1938	39/39	39/40	40/41	41/42
ASS. GERAL	A. Geral	A. Geral	S. Geral	A. Geral	A. Geral
Presidente	Manuel Soares Mota	Dr. Constante Pereira	Dr. Constante Pereira	Joaquim P. Morais	Dr. Vasco Luis
Vice-Presidente	José Corte Real	Dr. Joaquim Rios	Dr. Joaquim Rios	José Corte Real	M. Nunes Ferreira
1.º Secretário	Amadeu A. Morais	Orlando P. Pais	José A. Sá Azeredo	Lino Duarte Luz	Amparo Santiago
2.º Secretário	Alberto L. Vita	Manuel Baptista	José Corte Real	Sérgio Gonçalves	Alberto L. Vita
DIRECÇÃO	Direcção	Direcção	Direcção	Direcção	Direcção
Presidente	Joaquim Bastos	Dr. Mário V. Leal	Dr. António Nunes Neves	António Gomes dos Santos	Dr. António Nunes Neves
Vice-Presidente	José A. Sá Azeredo	Manuel Soares Mota	Amparo Santiago	Jerónimo F. Reis	Jerónimo F. Reis
Secretário Geral	Lino Duarte Luz	Amparo Santiago	Manuel Baptista	Manuel Baptista	Manuel Baptista
Secretário Adjunto	Félix Pereira de Sá	Amadeu A. Morais	José M. Valente	Higino A. Pires	Higino A. Pires
Tesoureiro	José André de Lima	José André de Lima	A. Virgínio Pereira	Carlos Ramos Pereira	Lino Duarte Luz
1.º Vogal		Lino Duarte Luz	Jerónimo F. Reis	A. José M. Valente	Joaquim Amaral Coutinho
2.º Vogal		Joaquim Pinheiro Morais	Orlando P. Pais	A. Virgínio Pereira	M. Augusto Anjos Neves
SUBSTITUTOS	Substitutos	Substitutos	Substitutos	Substitutos	Substitutos
					Sérgio Gonçalves
					Alberto Barbosa
C. FISCAL	C. Fiscal	C. Fiscal	C. Fiscal	C. Fiscal	C. Fiscal
	Mario Ramos	Joaquim F. Cadinha	Milton C. Pinho	Milton C. Pinho	A. José M. Valente
	Alberto Rezende	Milton C. Pinho	Alberto L. Vita	José André Lima	Marçal Oliveira Duarte
	Manuel Baptista	José A. Sá Azeredo	Ernesto Sousa	Mário D. Ramos	Mário da Rocha Neves

CORPOS GERENTES PARA 1948

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	- *Dr. António Nunes das Neves*
Vice-Presidente	- *Dr. Elísio Duarte Gomes*
1.º Secretário	- *Alberto Jorge Pinheiro Brandão Barbosa*
2.º Secretário	- *Armando Alves de Morais*

DIRECÇÃO

Presidente	- *Higino Augusto de Assumpção Pires*
Vice-Presidente	- *Arq.º Jerónimo Ferreira Reis*
Secretário Geral	- *Alberto Lídio Vita de Oliveira*
Secretário Adjunto	- *António Ferreira Gaio*
Tesoureiro	- *Milton da Cunha Pinho*
Vogal	- *Francisco Rosa Giraldes Caldeira*
Vogal	- *Carlos Pinheiro de Morais*

SUPLENTES

Presidente	- *Dr. Alfredo Virgínio de Barros Pereira*
Secretário	- *Marcelino Duarte Estevão*
Tesoureiro	- *Joaquim do Souto*
Vogal	- *Raúl Pinto Correia de Oliveira*

CONSELHO FISCAL

Presidente	- *Elísio de Sousa Ferreira Baptista*
Secretário	- *Sílvio Ferreira da Silva*
Relator	- *Victor Hugo Pereira Martins*

(sujeitos a aprovação superior)

	42/43	43/44	44/45	45/46	1947
ASS. GERAL	A. Geral	A. Geral	A. Geral	A. Geral	A. Geral
Presidente	Dr. Nunes Neves	Dr. António Nunes Neves	Dr. António Nunes Neves	Dr. António N. Neves	Dr. António Nunes Neves
Vice-Presidente	Dr. José M. Valente	José Corte Real	Alberto Lídio Vita	Dr. Amadeu A. Morais	Dr. Elísio Duarte Gomes
1.º Secretário	Amparo Santiago	Amparo Santiago	Henrique Sousa	Henrique Sousa	Henrique Sousa
2.º Secretário	Sérgio Gonçalves	Manuel Baptista	Alírio E. Magalhães	Milton C. Pinho	Henrique Fernandes
DIRECÇÃO	Direcção	Direcção	Direcção	Direcção	Direcção
Presidente	Dr. Vasco Luis	Arq.º Jerónimo F. Reis	Dr. Joaquim Pinto Valente	Dr. Joaquim Pinto Valente	Arq.º Jerónimo F. Reis
Vice-Presidente	Jerónimo F. Reis	Dr. A. José M. Valente	Jerónimo F. Reis	Jerónimo F. Reis	Higino A. Pires
Secretário Geral	Higino A. Pires	Higino A. Pires	Higino A. Pires	Higino A. Pires	Francisco Caldeira
Secretário Adjunto	Mário Martins Almeida	Mário D. Ramos	Mário D. Ramos	Mário D. Ramos	Carlos P. Morais
Tesoureiro	M. Nunes Ferreira	A. Virgínio Pereira	Franklim Reis	António F. Gaio	António F. Gaio
1.º Vogal	Manuel Baptista	Francisco F.ra de Almeida	M. Augusto Anjos Neves	Francisco Caldeira	Alberto L. Vita
2.º Vogal	Alberto Barbosa	António Guimarães Santos	Milton C. Pinho	Elísio S. F. Baptista	Victor Hugo Martins
SUBSTITUTOS	Substitutos	Substitutos	Substitutos	Substitutos	Substitutos
	Félix P. Sá	Lino Duarte Luz	Elísio S. F. Baptista	Victor Hugo Martins	Eng.º Orlando P. Pais
	Elísio S. F. Baptista	Mário Grijó Caridade	Aníbal Castro Lacerda		Joaquim do Souto
					Hernani Domingues
C. FISCAL	C. Fiscal	C. Fiscal	C. Fiscal	C. Fiscal	C. Fiscal
	Marçal Oliveira Duarte	Elísio S. F. Baptista	José Corte Real	Dr. Ramiro T. Virissimo	Sérgio Gonçalves
	Mário R. Neves	Mário R. Neves	António Guimarães Santos	Dr. A. Virgínio Pereira	Elísio S. F. Baptista
	Napoleão Amorim	João Costa Martins	Sérgio Gonçalves	Henrique A. Eça	Milton C. Pinho

AA ESPINHO